

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

Cezar Rami Pereira da Cunha Tavares

Serviço Social e Surf: um estudo sobre a construção de cidadania

Florianópolis

2022

Cezar Rami Pereira da Cunha Tavares

Serviço Social e Surfe: um estudo sobre a construção da cidadania

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Serviço Social do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

Orientador: Prof. Dr. Hélder Boska de Moraes Sarmiento

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra

Tavares, Cezar Rami Serviço Social e Surfe: um estudo sobre a construção da cidadania / Cezar Rami Tavares; orientador, Hélder Boska de Moraes Sarmiento. 71 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio Econômico, Graduação em Serviço Social, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Serviço Social. 2. Cidadania. 3. Esporte. 4. Educação Política. 5. Serviço Social. I. de Moraes Sarmiento, Hélder Boska . II. Teles, Heloisa. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Serviço Social. IV. Título.

Cezar Rami Pereira da Cunha Tavares

Serviço Social e Surfe: um estudo sobre a construção da cidadania

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Serviço Social

Florianópolis, 01 de dezembro de 2022.



Documento assinado digitalmente
Heloisa Teles
Data: 15/12/2022 22:21:30-0300
CPF: ***.314.250-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Heloisa Teles, Dr.(a)
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
Helder Boska de Moraes Sarmento
Data: 15/12/2022 16:40:46-0300
CPF: ***.046.789-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Hélder Boska de Moraes Sarmento, Dr.
Orientador

Instituição UFSC



Documento assinado digitalmente
ELIETE CIBELE CIPRIANO VAZ
Data: 15/12/2022 22:39:59-0300
CPF: ***.253.438-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(a) Eliete Cibele Cipriano Vaz, Dr.(a)
Avaliadora
Instituição UFSC



Documento assinado digitalmente
Maria Teresa dos Santos
Data: 16/12/2022 08:32:08-0300
CPF: ***.459.218-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.(a) Maria Teresa dos Santos, Dr.(a)
Avaliadora
Instituição UFSC

Este trabalho é dedicado às crianças da minha família e aos praticantes de esportes.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, sinto que agradecer deve ser uma tarefa rotineira e subconsciente, e que há uma grande diferença entre transmitir palavras de agradecimento e consubstanciar gratidão em vias do comportamento e das ações no cotidiano. Esse mesmo dia a dia que agarra o nosso tempo, pensamento e espaço, que nos impede de sermos sujeitos de constantes agradecimentos para quem, ou o quê, temos o desejo de corresponder com justiça. Em todos esses anos de graduação, entre a concretização da matrícula, passando pela total imersão na vida acadêmica, o intervalo de trancamento, o retorno para a universidade, até a entrega deste trabalho, tive o privilégio de contar com apoio e críticas de muitas pessoas, ficando impossível nessas breves linhas listar o nome de todas elas, talvez seja necessário consumir um mesmo número de caracteres que o total deste TCC para executar completamente essa tarefa.

Feitas as observações, e a finalidade desta seção do trabalho, com a qual o leitor se encontra. Pretendo então escrever alguns nomes que se apresentaram nos momentos providenciais. Considerando que a minha origem como estudante universitário passa por todo um preparo cultural emancipatório no interior de um ambiente familiar, gostaria de enaltecer a presença da minha mãe Maria Luiza, do meu pai Paulo Cezar, da minha irmã Carla Rafaela e dos meus irmãos Mateus Felipe e Pedro Paulo; em todos os processos que passei para chegar até aqui, corporificados a cada segundo nos meus pensamentos. Contudo, nessa linha de exaltar o nome das pessoas da minha família que merecem agradecimentos, meus genitores, apesar de toda a sua importância, estiveram todo o tempo acompanhados especialmente da minha avó Alzira (em lembrança), e do meu avô José Martins (em lembrança), bem como suas outras filhas e filho, Vanda, Paulo Roberto, Neusa e Joanice. Portanto, me considero um sujeito que alcança a graduação em universidade pública, graças a esses pais e mães que trabalharam arduamente pela minha criação.

Mantendo o ritmo de agradecimentos não posso esquecer das minhas primas e primos, sempre muito preocupada(o)s com o meu desenvolvimento e vice-versa. Com todo grau de importância e por toda motivação gerada em mim nos últimos instantes desse processo, a minha companheira Paloma e nossos filhos Caio Henrique e Rafael.

*O propósito da nossa vida é
acrescentar valor à vida das pessoas
desta geração e das gerações
seguintes.*

Buckminster Fuller

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de fundação de uma associação esportiva sem fins lucrativos no município de Salvador/BA enquanto elemento favorável à construção da cidadania. Para isso, foi necessário descrever brevemente os acontecimentos mais relevantes do primeiro encontro até o registro da entidade, partindo do olhar do pesquisador e dos registros desta experiência aqui relatada. Em seguida, o percurso histórico do tema cidadania foi estudado, realizou-se entrevistas estruturadas para dimensionar uma compreensão coletiva buscando entender o que pensam os fundadores a respeito do papel da organização e sua contribuição com esta temática. Os resultados apontam para o potencial político-organizativo do esporte e para um conceito de cidadania mutante, a se construir e a se formar com o desenvolvimento da humanidade.

Palavras-chave: cidadania; esporte; educação política; direitos sociais; serviço social.

ABSTRACT

This work aims to report the experience of founding a non-profit sports association in the city of Salvador/BA as a favorable element to the construction of citizenship. For this, it was necessary to briefly describe the most relevant events from the first meeting to the entity's registration, starting from the researcher's perspective and the records of this experience reported here. Then, the historical path of the citizenship theme was studied, structured interviews were carried out to measure a collective understanding, seeking to understand what the founders think about the role of the organization and its contribution to this theme. The results point to the political-organizational potential of sport and to a concept of mutant citizenship, to be built and formed with the development of humanity.

Keywords: citizenship; sport; political education; social rights; social work.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AS** Assistente Social
- CAPS** Centros de Atenção Psicossocial
- CRAS** Centros de Referência em Assistência Social
- CREAS** Centros de Referência Especializado de Assistência Social
- ENEM** Exame Nacional do Ensino Médio
- ENESSO** Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social
- FGV** Fundação Getúlio Vargas
- IBGE** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDEB** Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- IDHM** Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
- NASF** Núcleo de Apoio à Saúde da Família
- PRAE** Pró Reitoria de Assuntos Estudantis
- SEBRAE** Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
- SISU** Sistema de Seleção Unificada
- SSO** Serviço Social
- Surfssa** Associação dxs Surfistxs de Salvador
- SUS** Sistema Único de Saúde
- UFBA** Universidade Federal da Bahia
- UFSC** Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PROCESSO DE FUNDAÇÃO DA SURFSSA	14
2.1	CAMINHOS PARA FUNDAÇÃO	14
2.2	O MUNICÍPIO DE SALVADOR	24
2.3	O MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS	26
2.4	ASSOCIAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS E O SURFE	26
3	DESENVOLVIMENTO DA CIDADANIA MODERNA	27
3.1	PRÉ-HISTÓRIA DA CIDADANIA	28
3.2	REASCIMENTO E CIDADANIA	28
3.3	MODERNIDADE E CIDADANIA	29
3.4	A CIDADANIA NO BRASIL	30
3.5	UMA DEFINIÇÃO DE CIDADANIA	33
4	CIDADANIA COMO PROPÓSITO COLETIVO	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
	REFERÊNCIAS	51
	APÊNDICE	53
	QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA	53
	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	54
	RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS	56

1 INTRODUÇÃO

Observando pessoas renomadas nas belas artes, reparei que todas tem algo em comum, elas procuram sempre dialogar a complexidade para tornar belo, o trivial, o descompassado, até mesmo, o horroroso, e como fazem isso? O segredo está numa palavra, *harmonia*, a qual, apresento como a categoria de força do meu trabalho, enxergando-a como eterno alvo para os resultados que pretendo alcançar, e no que ela se propõe a servir na sua relação direta com o mundo real. Então, com um certo tom audacioso, faço valer a necessidade de articular a relação acessível da pluralidade de organizações e estruturas filosóficas com impressões do mundo contemporâneo onde estão o Serviço Social e a Surfsssa.

Vivemos num tempo em que o aprendizado histórico oferece a configuração de ferramentas pré-dispostas a facilitar a comunicação, a locomoção, o aprimoramento de técnicas e descobrimento de outras novas; o fornecimento de materiais essenciais à manutenção da vida humana, entre outras tecnologias.

A exploração excessiva para a transformação da natureza em produtos de consumo humano, para e não somente, a sobrevivência, implica na escassez de recursos, diferente de quando não possuíamos modelos produtivos tão eficazes como agora. Muito embora haja entendimento suficiente de métodos alternativos de produção e reprodução, devido às decisões subjugadas à mesquinharia do interesse individual, raramente recorreremos à permeabilidade da melhor escolha para o todo, e quando falo isto, me refiro também as gerações do longuíssimo prazo.

Temos uma população imensa que habita um planeta que até o presente momento é o único conhecido que possui as condições para sustentar a quantidade e variedade da vida da maneira que a conhecemos. Toda a população distribuída nos diferentes contextos culturais possui conexão a nível mundial de maneira muito recente, assim vemos que, a trajetória democrática deve ganhar consistência como instrumento processual para a convergência de interesses que não se resumem apenas ao Estado nação convencional, e sim, pelo bem maior que é a manutenção da espécie humana, e por termos inteligência elevada, também de todo o ecossistema planetário.

Por esse caminho, aparecem questões que precisam ser observadas com atenção, como a fonte de conhecimento econômico, e para seguir adiante, pegamos carona nos assuntos debatidos pela visão política do esporte.

Mesmo podendo afirmar que o acesso aos direitos civis, políticos e sociais progrediram ao longo dos últimos séculos, é necessário destacar que, até o presente momento, no Brasil, para o livre exercício e garantia daqueles direitos, se erguem barreiras institucionais cada vez maiores, é preciso ressaltar também, que a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF 88), não se impôs como suficiente à concretização desses direitos, e que o SSO demanda de pesquisas que busquem entender instrumentos alternativos de ação política-organizativa e de construção da cidadania.

Uma propriedade científica, amparada na lei da termodinâmica, que poder regular também o contexto socioeconômico, diz que ele é sustentado por uma lei universal (Georgescu-Roegen, 1971, p. 9)¹ nomeada de *entropia*, que por sua vez determina uma “[...]tendência à imprevisibilidade, à incomensurabilidade, à impossibilidade de anteciparmos o que acontecerá em seguida e de reconhecermos ordem[...]” (RHEINGANTZ et al, 2016, p. 118), ou seja, para quem trabalha e estuda a sociedade, existem “[...]mais possibilidades do que podemos conhecer e processar.” (NETTO et al, 2018, p. 250).

Alargando esse conceito para a realidade atual, especificamente sobre a invasão das tecnologias de informação e comunicação em todos os âmbitos, Cavalcanti (1994, p. 64) reflete acerca de um importante e vivo questionamento, essa movimentação “[...]aumentará a democratização do saber, reforçará cidadania, ou concentrará ainda mais o saber nas mãos de especialistas e da tecnoestrutura?” Adicional a isso, quero entender qual o percurso histórico que a categoria de estudo *cidadania* passou até os dias atuais? Por que este é um tema de interesse para o Serviço Social? Que tipo de atitudes e ações estão sendo concebidas ao redor da temática? E por fim, qual o conceito de cidadania pode se formar a partir da nossa pesquisa?

No interesse de responder a essas e outras perguntas, que surgiram no decorrer da escrita do nosso trabalho, optei por fazer uma pesquisa descritiva, respeitando essa sequência: no primeiro tópico farei um relato dos principais acontecimentos que marcaram a minha passagem como estudante da graduação em SSO na UFSC, até o envolvimento com a fundação de uma associação sem fins lucrativos. Depois disso feito, projetei a conceituação própria da terminologia cidadania, e para isso, passei a fazer uma viagem

¹ Georgescu-Roegen foi um matemático e economista que propôs uma ruptura com o paradigma dominante da economia isolada da natureza. Pode ser tratado como fundador da Economia Ecológica, nesta teoria, o meio ambiente e os recursos naturais deixam de ser considerados externalidades, e a economia passa a fazer parte de um ecossistema vivo e atuante. (Cechin e da Veiga, 2010)

histórica explorando suas diferentes variações e aplicações desde os primeiros passos de formação da sociedade moderna, para conceituar essa temática farei uma abordagem histórico cronológica amparada pela obra de Jayme Pinsky e Carla Pinsky.

Por último, apresento os resultados de uma entrevista estruturada que coletou visões de outras pessoas que participaram da fundação comigo, a respeito das suas histórias e visões com relação às suas vontades pessoais junto à associação e ao tema cidadania.

2 O PROCESSO DE FUNDAÇÃO DA SURFSSA

“Noventa e nove por cento de quem você é, está invisível e intocável.”

Buckminster Fuller

Neste trecho farei uma recuperação da trajetória de como se deu a dinâmica de formação do grupo que fundou a entidade, evidenciando que os acontecimentos redigidos logo em seguida, a saber, no que concerne a história da fundação, aconteceram entre outubro de 2019 e dezembro de 2020. Outra questão importante neste ponto, se refere ao ambiente de realização das reuniões, dos debates e da organização coletiva, que ocorreram cem por cento em meio virtual, utilizando ferramentas como Instagram, Whatsapp, Google Drive e Telegram, além da troca de e-mails com o cartório, e ligações telefônicas para contadores e advogados. Por questão de contextualização metodológica, abrirei esta seção contando, sem estender muito, os caminhos trilhados por mim na academia até chegar na associação.

2.1 CAMINHOS PARA FUNDAÇÃO

Resolvi escrever sobre a experiência de formalização da Surfssa, por notar a possibilidade de fazer um trabalho que leva para Florianópolis, em específico a UFSC, um pedaço duma realidade distinta que em alguns aspectos se faz semelhante, como é a de Salvador, capital da Bahia com Florianópolis, capital de Santa Catarina, adiante, farei uma explanação a respeito de alguns aspectos históricos, geográficos e demográficos de cada uma dessas cidades.

Um outro fator de motivação surge devido ao tema envolver o esporte que aprendi a praticar, e perceber, como instrumento educacional, de promoção à saúde e de conscientização dos sujeitos praticantes ou envolvidos com tal atividade náutica, desporto que pode possuir em potencial, o poder de ação político-organizativa.

Com essas premissas, somadas com indagações dos limites e possibilidades que envolvem o campo de estudo que me oportunizou experimentar a vida universitária. Vinculando o interesse em praticar e viver ao redor do surfe, me desperta uma interessante sensação, uma inquietação interior que tem curiosidade de entender: como o percurso de aprendizado nos ambientes de ensino, pesquisa, extensão e movimento estudantil, contribuiu com a minha participação no contexto de atuação no grupo que formulou a proposta de estatuto aprovada na assembleia de fundação da Surfssa.

2.1.1 Chegando em Florianópolis

Apesar de ter começado as aulas no mês de agosto de 2013, me matriculei no curso de Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina no mês de fevereiro daquele mesmo ano, aprovado pelo SISU com as notas do ENEM, que me abriu a oportunidade para acessar uma vaga na universidade pública através das cotas para estudantes oriundos de famílias de baixa renda que passaram o ensino médio em escolas públicas.

As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas. Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita. (BRASIL, 2012. Art. 1)

Na época, eu morava na minha cidade natal, em Salvador, portanto, tive que enviar, por e-mail e via Correios, uma série de documentos que comprovariam a minha identificação pessoal, familiar, de escolaridade, bem como as nossas condições de trabalho e renda.

Para chegar em Florianópolis, mais ou menos seis meses após a efetivação da matrícula, precisei trabalhar em mais de uma atividade remunerada, sendo elas: 1. atendente de Call Center para operadora de telefonia durante seis dias da semana por seis horas diárias; 2. fazendo *freelance* como garçom e distribuidor de panfletos. Me dispus à essas tarefas, a fim de levantar o dinheiro que me segurasse nos meses iniciais na nova cidade, até então desconhecida. Onde aterrissei apenas com a matrícula em mãos, ainda dependendo da entrega presencial de comprovantes de identificação e renda familiar atualizados.

Foi justamente nessa hora, de chegada no município de Florianópolis, que uma situação incomum e desagradável, apresentou para mim as cartas do jogo, do tamanho do desafio que seria enfrentar a mudança de sair da Bahia para um estado distante, na região sul do país.

Depois de parar na hospedagem, após um longo e cansativo dia de viagem, me senti relaxado para dormir, quando acordei de manhã e procurei a mochila que estavam os meus documentos percebi que alguém poderia ter entrado no quarto enquanto eu dormia, levado a mochila que continha a quantidade principal de dinheiro que reservei durante os seis meses de preparação para a viagem, e os documentos que eu precisaria entregar na PRAE.

A subtração ficou confirmada quando liguei para o rapaz que havia me alugado aquela quitinete. Ele veio de imediato ao meu encontro procurar a bagagem desaparecida, até que numa reflexão sobre um possível agente daquele ato, ele entrou no apartamento do lado, arrombou com um chute a porta do quarto, que somente uma pessoa poderia estar com a chave, e lá estava a mochila com todos os documentos que eu precisava entregar na UFSC. Entre o momento de saber que tinham levado meus papéis e encontrá-los se passaram aproximadamente seis horas, durante esse tempo muitos pensamentos me ocorreram, e a vontade de desistir já no primeiro dia ganhou força, até que parei para entender que aquilo se tratava de um belo desafio para mim, recém-chegado à vida universitária.

A partir de então fomos na delegacia registrar o boletim de ocorrência, depois, fizemos uma visita à casa do suspeito para tentar encontrá-lo, lá a mãe dele informou que já não o tinha visto há alguns dias, pedindo desculpas pela prática do filho, informou que não tinha o que fazer e que se sentia desgastada fazia tempo devido ao comportamento criminoso que seu filho vinha revelando desde antes. Insatisfeito por não ter encontrado aquele sujeito para recuperar as cédulas e o cartão de banco que me foram furtados, fiquei feliz por ter localizado os documentos e assim efetivar a minha matrícula.

2.1.2 Vida acadêmica

Esse movimento de mudança de estado da federação, me possibilitou ingressar no aprendizado de uma área do conhecimento humano que teria por prática interventiva as relações da sociedade, a vida das pessoas e das famílias brasileiras idênticas à que me deu origem, me criou e me levou até ali.

Iniciar uma universidade pública foi a oportunidade que, além de fornecer conhecimentos e elevar o patamar do meu processo de aprendizagem e tomada de consciência, abriu margem para extravasar o sentimento de defesa por um mundo melhor. Com o ensino médio cumprido em escola pública, saí dali me sentindo completamente despreparado para entender a dinâmica do mundo contemporâneo. O estímulo aos debates e a produção de pensamento foram fatores que logo se destacaram nos primeiros dias de aulas no ensino superior, a temática do curso como um todo já havia me atraído de maneira apaixonante, ansioso por vivenciar na prática o que estava escrito no projeto pedagógico fez com que eu me envolvesse completamente com as atividades acadêmicas, participando desde já, de seminários, debates e outros espaços de aprendizado extraclasse.

Na medida que eu me inseria cada vez mais no ecossistema universitário, conhecia mais pessoas, ampliando a minha rede de relacionamentos, foi então que comecei a me engajar nas atividades do movimento estudantil, primeiramente no centro acadêmico, por consequência, também da luta coletiva no cenário municipal. Esse comportamento me proporcionou sensações experimentadas ao lado de outras pessoas que também possuem essa disposição. Gente que tinha contextos de vida particulares e essencialmente diferentes dos meus, e mesmo assim, congregamos ideias e atitudes em prol de um corpo coletivo do qual fazíamos parte, de estudantes, especialmente de serviço social.

Foi por uma questão de contato com o projeto ético-político do SSO, que desde o primeiro semestre me dediquei ao centro acadêmico, de onde parti até que cheguei à ENESSO. Particpei também de comissões institucionais da UFSC, como a regulamentada pela Portaria nº 668/2015/GR, cujo objetivo foi; “Criar uma comissão para definir e implementar uma política de atenção psicossocial e pedagógica aos estudantes da UFSC”, de 27 de abril de 2015. O comitê contou com representação de estudantes da graduação, da pós-graduação, de técnico-administrativos, docentes, entre outro(a)s servidor(a)s e pessoas da comunidade acadêmica, este grupo foi responsável por elaborar um fluxo de atendimento para acolher problemas decorrentes de sofrimentos psicossociais e pedagógicos dentro dos procedimentos de todos os campi da universidade.

Toda essa rotina de participação, atividade e organização política me possibilitou estabelecer contatos e alianças, elaborar documentos, convocar e atuar em mobilizações e diversas manifestações sociais.

Nem só de sala de aula e manifestações estudantis vive o universitário, a cultura do aprendizado pautado na tríade ensino, pesquisa e extensão, provoca naquele(a) que tem a

oportunidade de participar nas duas últimas esferas citadas, o alargamento da visão científica com a percepção das possibilidades de resolução das demandas sociais germinadas nos laboratórios. Como estudante de SSO pude experienciar dois projetos desse tipo, no primeiro, atuamos no sentido da promoção à saúde numa comunidade de ocupação urbana, e no segundo, construindo e investigando o processo participativo do controle social no SUS nas conferências municipal, estadual e nacional do ano de 2015.

Com o avançar do curso, e da exaustão diurna, notei que estava direcionando a minha vontade de transformar o mundo por um canal desgastante, onde o tempo e energia que deveriam estar ocupados com o intercalar entre estudos e momentos de descanso, passou a serem ocupados muito mais com ações e atividades de um grupo político que cheguei a fazer parte. No terreno do meu psicológico, desgastes sem precedentes foram impressos, devido a problemas familiares e os conflitos (às vezes, “picuinhas”) entre juventudes organizadas e partidárias que aconteciam na universidade, bagunçando completamente a minha estrutura emocional e pedagógica.

Nesse mesmo momento, iniciei a fase de estágio obrigatório não remunerado, o que dificultou ainda mais as minhas condições de permanência, que já era bem difícil desde o início do curso, mesmo sendo matriculado no sistema de cotas, o único benefício que consegui acessar desde o início da vida na UFSC foi a isenção para almoçar e jantar no restaurante universitário. Ao longo desse período, até começar o estágio, consegui me manter participando daqueles projetos de pesquisa e extensão, que me forneceram a bolsa de quatrocentos e vinte reais, usada para tentativa de pagar aluguel, transporte e outras necessidades.

Como estagiário tive a incrível oportunidade de reabrir um campo que não recebia estudantes há anos, no NASF – Leste, fiz isso depois de conhecer a Assistente Social Gisele Cunha, na pré-Conferência municipal de saúde do distrito sanitário leste; depois do evento abordei Gisele comentando que no semestre subsequente eu iria iniciar a etapa de estágio obrigatório, que tinha participado de dois projetos envolvendo a área da saúde e perguntando se ela teria abertura para me disponibilizar uma vaga como estagiário. Ela foi altamente receptiva a ideia, ressaltando que não abria esse tipo de vaga já fazia alguns anos, contudo, estava disposta a considerar a ideia, que eu retornasse o contato quando pudesse começar. Assim que finalizei o semestre letivo em andamento, contatei a AS novamente, ela fez então um processo seletivo com avaliação do histórico escolar e entrevista presencial, quando fui aprovado e considerado apto para iniciar os trabalhos na

condição de estagiário. O contexto do estágio se fazia bastante desafiador, como ainda era bem atuante nas questões do movimento estudantil, o tempo livre do meu dia ficou mais escasso, além disso, nós atuamos atendendo a população e prestando apoio para as equipes nos centros de saúde dos bairros, Costa da Lagoa, Itacorubi, João Paulo, Lagoa da Conceição, Pantanal e Saco Grande/Monte Verde, tinha dias que de manhã a minha supervisora de campo trabalhava numa unidade e a tarde em outra, por vezes eu acompanhava-a neste processo.

Lidar com as expressões da *questão social* no contato com o usuário do sistema de saúde me provocou sentimentos e aprendizados que jamais encontraria ou vou encontrar em outra carreira. Geralmente, a pessoa que chega para o SSO deste serviço, está passando por algum tratamento de saúde, atendido(a) por médico(a)s, enfermeiro(a)s, técnico(a)s de enfermagem e agente comunitário(a) de saúde, esse(a)s profissionais orientado(a)s e instruídos a identificar demandas para o SSO na vida daquelas pessoas, nos repassavam as suas percepções através de uma reunião chamada de *matriciamento*. Depois de validada a espécie de dependência da necessidade do(a) usuário(a) em questão com o atendimento do SSO, agendávamos e atendíamos. Quando recebíamos o(a) indivíduo(a) fazendo uma *escuta qualificada*, reconhecíamos e acolhíamos as dores e necessidades do(a) ser-humano(a) alocado(a) como ponto central dos respectivos atendimentos, visualizando também a sua atmosfera familiar.

Amparado(a)s pela leitura crítica da sociedade, identificávamos em conjunto com o(a) dono(a) da vida, um ou mais projetos de vida pessoal que nos serviam como extensão irrestrita do pensamento de promover e garantir acessos aos direitos desconhecidos, abalados e/ou não acessados.

Para executar as atividades necessárias contávamos com ações do(a) próprio(a) usuário(a), realizamos visitas domiciliares e institucionais, entre outras tarefas administrativas de orientação e acompanhamento das vidas estimadas.

Para compor a lógica continuada de resolução da complexidade que envolvia as realidades individuais, era inevitável cumprir com atos de expediente, todavia, de cada atendimento, partíamos do seu contexto singular para o universal, adotando como procedimentos laborais, constantes revisões aos substratos teóricos, suporte às organizações e associações de bairro, reuniões e atos do sindicato dos servidores do município de Florianópolis, e constante interação com a rede de apoio de cada bairro, dialogando com instituições, de atendimento e de longa permanência para idosos, crianças

e adolescentes, pessoas em situação de dependência química, mulheres, e qualquer outra que prestasse serviços para vulneráveis, como igrejas, CRAS, CREAS, CAPS, além de outras infraestruturas atuantes entre a esfera pública e privada no município.

Após concretizar um semestre de estágio com aprovação e ser reprovado nos dois subsequentes por não entregar os trabalhos acadêmicos, me senti desestimulado pela vida que levava em Florianópolis, percebendo que andava bem distante do SSO, e que o meu olhar passou a voltar para Salvador, onde estavam todos os meus familiares. Por isso resolvi suspender o curso e voltar para a minha cidade, ingressando no mercado de trabalho formal como vendedor de veículos.

2.1.3 Afastamento da UFSC e novas percepções

Neste tópico, realizo a tarefa de atualizar, o que foi meu retorno à família em Salvador, relatando brevemente os principais acontecimentos e suas condições, bem como, os impactos sentidos por estar distante do curso. No entanto, antes de fazer tal relato, gostaria de explicar como me envolvi com o surfe.

Se a minha vontade de mudar o destino e a trajetória da minha vida me levou à Universidade, ser atleta profissional foi um sonho que carreguei desde a infância, quando queria ser jogador de futebol. Com o caminhar do tempo e a distância cada vez maior desse alvo, passei a me interessar por outras modalidades esportivas, como natação e surfe.

Quando conheci o surfe na adolescência, ser atleta de alto rendimento desse esporte, também seria muito difícil dentro dos padrões de vida que eu tinha, pois os equipamentos eram caros, o acesso à praia era complicado devido a distância e custos com transporte. Foi somente quando cheguei à fase adulta, quando tive o meu primeiro emprego, que iniciei o aprendizado no surfe.

Chegar em Florianópolis para estudar foi uma oportunidade de, inclusive, praticar essa modalidade esportiva, devido às boas condições da natureza e da cultura local, considerada avançada em relação ao surfe, comparando com outras regiões do país. A partir desses elementos, principalmente quando resolvi sair um pouco do movimento estudantil e aproveitar o tempo para cuidar da minha saúde mental, dedicando as horas livres que conseguia ao esporte, pude amadurecer uma condição humana de sujeito que aprende, produz e interage também com aquilo que lhe faz bem.

Quando retornei para a capital da Bahia, estava com a perspectiva de concluir a graduação em baixa, a minha atenção se voltou plenamente para uma melhoria da minha

condição financeira, porque estava com dívidas acumuladas, sem uma fonte de renda que garantisse o meu sustento e impossibilitado de auxiliar meus familiares, já que tinha dois irmãos mais novos que também frequentavam uma universidade federal, no caso deles a UFBA. Por isso, busquei uma oportunidade no mercado de trabalho, como já tive a experiência de trabalhar como vendedor de veículos novos, procurei a mesma empresa que me abriu as portas anteriormente.

Após passar pelo processo seletivo com envio de currículo, entrevistas e entrega de documentos, reiniciei a jornada na concessionária automotiva. Esse período foi muito importante para reativar uma condição social de autossuficiência financeira, e assim, organizar a minha vida e a dos meus familiares mais próximos. Além disso, lidando com gestores e donos de empresas passei a querer entender intensamente o mundo dos negócios, e para isso, me inscrevi e participei de diversos cursos online promovidos principalmente pela FGV e pelo SEBRAE. Naturalmente, a categoria da *contradição* incitou raciocínios que culminaram na geração de inúmeras dúvidas, muitas dessas que permanecem vivas até a redação deste trabalho, sobre como se livrar de julgamentos promovidos por uma leitura exageradamente crítica, para aproveitar as coisas boas que o mercado privado pode oferecer para profissionais da nossa área. Na circunstância de trabalhador assalariado do setor privado, ocupando uma vaga para nível de escolaridade do ensino médio, adquiri certa estabilidade econômica, o que reavivou dentro das minhas inspirações, a vontade de concluir o que eu havia começado na UFSC, e para isso teria que tomar outra decisão difícil, sair do emprego e me mudar novamente para Santa Catarina.

Logicamente que, ter alguma atividade registrada na carteira de trabalho poderia ser inviável, já que tudo que eu precisava para concluir o curso era passar pelo estágio obrigatório. Devido aos conhecimentos e apetite para o mercado que se acendeu dentro de mim quando vendia carros, escolhi o empreendedorismo como forma de obter renda mensal, que me proporcionasse ter certo tempo livre para me dedicar aos estudos e ao estágio. Logo nos primeiros meses de adesão ao novo mundo laboral, encontrei barreiras e dificuldades que me trouxeram questionamentos acerca da minha escolha, contudo, os resultados começaram a surgir gradativamente e então encontrei as condições para fazer uma nova mudança até Florianópolis, dessa vez levando comigo uma companheira e um filho de um ano de idade.

2.1.4 Envolvimento pessoal com a construção da Surfssa

Naquele intervalo de trancamento enquanto estava em Salvador visitando uma tia, recebi a informação por anúncio patrocinado no Instagram, de que em breve, seria realizada uma reunião para pessoas interessadas na criação de uma associação de surfe na cidade. Considerando o meu interesse pelo esporte e a experiência nos coletivos estudantis e colegiados da UFSC, resolvi me colocar à disposição para trabalhar com tal projeto.

Esse acontecimento foi exatamente no mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, quando passei a fazer parte de um grupo que seria unido com objetivo de pensar e construir uma associação desportiva de surfistas no município de Salvador. Esse pessoal foi juntado num grupo de WhatsApp. E logo que chegou à data para as primeiras conversas, iniciamos com cada integrante fazendo uma breve apresentação sobre quem é, e o que pretendia ao estar ali naquele grupo, algumas pessoas já deram sugestões de como a associação deveria funcionar.

Particularmente, movido pelo aprendizado adquirido por meio do empreendedorismo, dos cursos de gestão de projetos e de consultoria para empresas, e densamente tramado pela experiência de estudante de SSO, comuniquei esses pontos naquele instante, e que estava ali para contribuir com os afazeres organizacionais da entidade, com interesses objetivos pela transformação social da comunidade soteropolitana através do esporte.

2.1.5 Coletividade em foco

Sem considerar os detalhes do que foi escrito por cada uma das mais de cento e vinte pessoas que apareceram no grupo inaugural, e descartando as discussões ou as ressalvas gerais, gostaria de trazer aqui, os tópicos que objetivamente girassem em torno da ação de fundar a entidade.

Logo de início foi debatido o custo geral para fundar a associação, ficando assim estabelecida a necessidade de cada um(a) contribuir financeiramente com cinquenta reais para fazer parte do grupo de associados fundadores. Com essa condicionalidade, o grande grupo se diluiu para um novo que exigia o pagamento como contrapartida para entrar, gerando assim, um outro menor que passou a debater detalhadamente os tópicos pertinentes à nossa demanda e decidir os procedimentos de instauração da entidade.

Falamos então no plano inicial, sobre a definição do nome, nessa questão em específico, foram coletadas propostas gerais de como a entidade deveria ser chamada.

Tiveram participantes que se preocuparam com a questão da definição de gênero linguístico no título da associação, que na palavra “associado”, a letra “o” indicaria somente o masculino e a letra “a” somente o feminino, e como a ideia seria incluir outras identidades de gênero, sugeriram substituir essas letras por outra sem definição. Depois de um breve e intenso debate que contemplou distintas argumentações, fizemos uma consulta por maioria simples para assim decidir que deveríamos optar por colocar o “x”, caracterizando a transmissão da ideia de incógnita e abrangência geral. Decidido o nome, elegemos a comissão que seria responsável por elaborar a minuta do estatuto oficial.

A partir de então, munido dos artefatos coletados na trajetória de membro ativo do movimento estudantil, com participações intensas nas salas de aula, vivência nos espaços de produção científica, experiência nas relações comerciais e de execução de serviços, dotado de personalidade prudente e precavida no modo de agir e falar, obstinado por construir uma infra-estrutura para o futuro que possibilite a criação de novas relações sociais. Passei a exercer um papel de liderança dentro da comissão de elaboração do estatuto, no qual, fiz pesquisas de documentos que pudessem fornecer amparo ao foco central de nosso parâmetro normativo, que seria, designar princípios democráticos e de governança descentralizada.

Na internet encontrei estatutos de agremiações trabalhistas, estudantis, esportivas, de moradores, e quase todo tipo de agrupamentos coletivos organizados em volta de um conjunto de regras. Dentre esses materiais foi percebido um padrão que colocava a maioria deles no mesmo diagrama regimental, cujo esquema repetia a hierarquia centralizadora, composta por presidência e diretorias. Portanto, para sustentar o quadro representativo da associação recorri à escritura que transmitiu maior similaridade com aquele nosso horizonte gerencial, assim, o estatuto da ENESSO, foi utilizado como principal referência no intuito de estabelecer princípios e regras, com autonomia potencial, apropriado à realidade sócio-histórica de Salvador e do esporte.

Outro traço distintivo se deu também, por conta da tarefa de coordenar as reuniões, bem como a redação do estatuto. Após analisar aquela série de documentos similares, o método adotado para efetivar o nosso arranjo regulatório foi de abrir um arquivo pela ferramenta Google Docs, que pudesse receber contribuições dos membros da comissão em seus horários pessoais. Depois de realizada uma proposta mínima, fizemos três encontros virtuais abertos para toda(o)s associada(o)s fundadores avaliarem o texto e colocarem sugestões próprias.

Posteriormente a esse trabalho, contamos com a contribuição de profissionais da advocacia e da contabilidade que prestaram serviços de consultoria e assessoria à futura associação.

Desde o início do processo, utilizamos como guia básico o livro: “Fundações, Associações e Entidades de Interesse Social” de José Eduardo Sabo Paes (2019), comprado para fazer parte do acervo da entidade.

Assim que declaramos a minuta como aprovada, partimos para a coleta das assinaturas e por último levamos até o cartório “2º Registro de Títulos e Documentos e Civil das Pessoas Jurídicas de Salvador”, que certificou a fundação da Surfssa.

2.2 O MUNICÍPIO DE SALVADOR

Para compreender mais razoavelmente os acontecimentos e a realidade de uma cidade, preciso enfatizar o contexto histórico de urbanização referente a esse local. Por se tratar de Salvador, falo da primeira capital do Brasil colônia, que surgiu no cenário geopolítico da Europa-ocidental no século XVI, a partir do interesse português de garantir a posse das novas terras, essa cidade então funcionaria como estação de recarga de mantimentos para viagens alongadas mais ao sul, portanto, no decorrer dos próximos três séculos, foi o porto comercial mais importante dessa zona do atlântico.

Na medida que os anos passavam, e a concorrência tanto externa, com a entrada dos países da América Central na produção do açúcar mundial, quanto interna, quando São Paulo e Paraná ocuparam o comércio cafeeiro. A antiga capital perdia importância econômica. Completando esse quadro, outras providências políticas cooperaram com o declínio do status de cidade principal, um desses fatores foi a transferência da sede do governo para o Rio de Janeiro.

Entre uma quantidade desmedida de acontecimentos desde a chegada dos primeiros colonos, escravos, violação do espaço indígena, essa topografia que abriga o município de Salvador recebeu marcas e gerou uma série de memórias que estão registradas nos seus elementos de tipificação urbana, contextos culturais e particularidades antropológicas. Uma dessas marcas, que se estabelece notória e impactante nos dias de hoje, resulta da ocupação abrupta e desordenada que afluiu a partir dos anos 60 no século XX, nesse período o fluxo de pessoas que saíram do interior da Bahia para morar na capital aumentou exponencialmente, resultando na construção de habitações sem planejamento, junto a isso, o juízo desenvolvimentista da época não estava atento ao rápido crescimento

populacional. O que causou, entre outros atributos, problemas de desigualdade social que repercutem nos dilemas socioambientais da atualidade.

Dando um salto na história, Salvador é hoje percebida como uma metrópole, cuja extensão territorial se encontra no Bioma Mata Atlântica; que compreende seiscentos e noventa e três mil e quatrocentos e cinquenta e três quilômetros quadrados; que noventa e dois vírgula oito por cento das residências possuem esgotamento sanitário considerado adequado; que pertence ao Sistema Costeiro-Marinho; onde habitam aproximadamente três milhões de pessoas; com rendimento médio de três vírgula três salários mínimos, porém, trinta e seis vírgula oito por cento têm rendimento mensal nominal abaixo de um salário mínimo e meio; que tem como IDHM a taxa de zero vírgula setecentos e cinquenta e nove.

Desses dados, chama especial atenção o IDEB, que nos anos finais do ensino fundamental, em Salvador é de quatro vírgula cinco, posicionando-a na quatro milésima sexcentésima trigésima sétima colocação entre os cinco mil quinhentos e setenta municípios do Brasil.

Retornando ao tema desigualdade, cabe frisar o que aponta um estudo sobre a pobreza na Bahia, notou-se que as políticas de transferência de renda executadas entre os anos dois mil e um e dois mil e onze, provocaram um declínio na incidência de pobreza, indigência e concentração de renda.

É notório o progresso relativo ao bem-estar de milhares de famílias pobres baianas, ao menos no que diz respeito à insuficiência de renda capaz de comprar uma cesta de alimentos para suprimento das necessidades nutricionais. Apesar desta redução a Bahia ainda detém a primeira posição no que tange à participação de pessoas pobres e indigentes em relação ao Nordeste. (SANTOS, 2016)

Sendo a capital do estado, Salvador aparece como um retrato tanto simbólico quanto expressivo e revelador da observação citada anteriormente.

No tocante ao surfe, a cidade, apesar de ser em formato de península e situar-se entre o mar, no lado oeste é banhada por uma baía que muito raramente entram ondulações adequadas à prática do esporte, já no lado leste, fica totalmente voltada para o oceano, onde aí sim, apresenta frequentemente ondas úteis aos surfistas. Deste lado, conhecido como orla marítima, ficam bairros famosos por habitar pessoas de poder aquisitivo mais elevado, contudo, como é da natureza da cidade misturar na mesma região residências de segmentos de renda diferentes, também existem em alguns pontos da orla, comunidades mais pobres. Por outro lado, quanto mais ao centro, norte e oeste do município adentramos, a proporção

de poder econômico se inverte, sendo assim, a maior parte das pessoas de baixa renda, precisam se locomover para outro bairro se quiserem surfar.

2.3 O MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS²

A capital catarinense, Florianópolis, é uma cidade com muita história para contar. A ilha em que a cidade está localizada já foi habitada por diversos povos indígenas e, posteriormente, colonizada pelos portugueses, ela tem aproximadamente 42 km de comprimento e 12 km de largura. A história da cidade de Florianópolis, conforme conhecemos, começa no século XVI, quando a ilha foi descoberta pelos portugueses. No século XVIII, a ilha foi renomeada para "Ilha de Santa Catarina".

A cidade é conhecida pelas suas praias, pelo seu clima ameno e pela sua beleza natural. Segundo o IBGE, a cidade possui uma população de quatrocentas e setenta e nove mil novecentas e vinte e nove habitantes, sendo a nona maior cidade do estado.

Florianópolis também é conhecida pelas suas belas praias e pelo seu clima agradável. No entanto, a questão social é um problema que afeta a cidade. É um problema complexo que envolve diversos fatores. A falta de moradia é um dos principais problemas enfrentados pelos habitantes da cidade. E mesmo à frente de muitas capitais do Brasil, a falta de emprego também afeta a população florianopolitana.

O surfe é um dos esportes mais praticados pela população desse município. Nota-se uma verdadeira movimentação cultural em torno do esporte, que é representada pelo estilo de vida, pela vasta quantidade de profissionais, de escolas de surfe, de associações que se organizam para ensinar, e que aparecem nas histórias mais importantes de defesa da preservação e conservação do meio-ambiente.

2.4 ASSOCIAÇÕES SEM FINS LUCRATIVOS E O SURFE

A CF 88 e seus princípios democráticos causaram impactos institucionais como o reconhecimento de que as pessoas possuem liberdade para se agruparem em volta de um ou mais interesses compartilhados, gerando assim uma forma de estímulo no cenário político, ao protagonismo do chamado “terceiro setor” por Ganança (2006).

² São muitas as cidades banhadas pelo oceano, todavia, nem todas pulsam a vida marinha para dentro de suas terras, no caso de Florianópolis, o que ocorre é para além disso, é como se um pouco do mar vivesse nas veias de cada habitante. Existe sim, muita gente que não nasce ali e chega para fazer parte disso, e muita gente que não se importa tanto com a raiz pesqueira dos habitantes, que mesmo assim, acabam influenciados por essa característica.

É dessa maneira que a Surfssa se apresenta à sociedade civil e ao poder público, como um registro no cadastro de pessoas jurídicas, como corporação sem fins lucrativos, que visa amparar os interesses do corpo de surfistas que frequentam as praias de Salvador, posicionando-se como organização disposta a cultivar o exercício da cidadania através do esporte. Ou, em concordância com Paes (2020, p. 411), “[...] com sua ação dar um novo significado de sentido às pessoas e ao próprio mundo em que vivem.”

Derivada de ocorrências históricas complexas, a dinâmica atual do município de Salvador, perpetra uma rede de relações entre diferentes produtores e administradores, demonstra ligações com o passado colonial que estão envolvidas em um tanto de desenvolvimento urbano, e por fim, realça um ambiente repleto de desigualdades socioeconômicas. Isto para dizer que o processo organizativo é atravessado por condições e determinações histórico-sociais e econômicas que não podem ser suprimidas.

Práticas esportivas trazem benefícios para a vida das pessoas em inúmeras dimensões, além de promover saúde, qualidade de vida e bem-estar, é um recurso social que sustenta relações entre diferentes níveis. E mesmo assim pode reluzir contrastes de renda.

Com o surfe não poderia ser de outra maneira, mesmo ligado aos elementos e condições da natureza, sendo a praia o local de prática aberto ao público, no somatório geral, o praticante, principalmente aquele que não vive nos bairros da costa, depende de uma estrutura minimamente organizada financeiramente para desenvolver as habilidades exigidas pelo esporte.

Uma associação sem fins lucrativos pode levantar as vozes desses sujeitos organizando-os em torno de interesses pessoais e coletivos alusivos ao desporto originário das ilhas do oceano pacífico. Por este motivo, a preocupação em compreender a cidadania, a partir desta prática esportiva particular.

3 O DESENVOLVIMENTO DA CIDADANIA MODERNA

*“Você não pode mudar nada por lutar ou resistir.
Você pode alterar alguma coisa, tornando-a obsoleta
através de métodos superiores.”*

Buckminster Fuller

3.1 A PRÉ-HISTÓRIA DA CIDADANIA

De antemão, é possível anunciar que, relativamente à difusão do discurso sobre a cidadania, tudo parte primordialmente do culto ao Deus dos Hebreus, que era, conforme Pinsky & Pinsky (2003, p. 17) “[...] comprometido com problemas vinculados à exclusão social, à pobreza, à fome, à solidariedade.” Nessa era conhecida como antiguidade.

Dando um passo na história, quando passamos pela Grécia antiga, é possível apreender que em sua essência a “[...] cidadania, se pudéssemos defini-la, residiria precisamente nesse caráter público, impessoal, nesse meio neutro no qual se confrontam, nos limites de uma comunidade, situações sociais, aspirações, desejos e interesses conflitantes.” (PINSKY & PINSKY, 2003, p. 46)

Recorrendo às raízes da Roma antiga não há como escapar do consagrado método etimológico, reproduzindo Pinsky (2003, p. 49) “[...] *civis* gerou *civitas*, 'cidadania', 'cidade', 'Estado'.” Ponderando com maior profundidade vamos enxergar que o *civis romanus sum* como declaração, estava disponível somente àqueles que foram legados os direitos e privilégios daquela sociedade, e que eram considerados livres. É nesse diagrama que as linhas entre cidadania e liberdade se encontram pela primeira vez na história. A segunda virá à tona no alto da Revolução Francesa que falarei mais adiante. Sendo possível extrair uma sentença *sui generis* da forma de regimento social romano quanto à identificação do que é cidadania, infere-se que a partir desse momento a humanidade concebeu, ao menos idealmente, que o verdadeiro poder origina da coletividade.

Discorrer em favor da história da cidadania sem mencionar o cristianismo é como utilizar um guarda-chuva somente para proteger do sol. Partindo dessa ideia, preciso destacar que nos séculos de abundância do império romano, os fiéis frequentavam diferentes patamares sociais, representavam ameaça ao politeísmo em vigor, e principalmente, confrontavam a doutrina escravocrata, bem como prestavam assistências aos famintos e enfermos. Tais qualidades inerentes ao nascente povo de Jesus, daquela época, foi o pilar central que abrigou e estabilizou ideais que se tornaram referência na cultura ocidental.

3.2 O RENASCIMENTO E A CIDADANIA

Sem a pretensão de adentrar nos detalhes históricos políticos e religiosos do debate. Existem circunstâncias dadas que remontam ao panorama sombrio, no quesito da

humanidade ocidental, que se inicia na decadência da Roma antiga e culmina na fase que chamamos de Renascimento.

Interpretando que existia uma dominância da Igreja Católica Apostólica Romana durante aquela fase mencionada, a única abstração que tive quanto ao logro da cidadania é o que supostamente acontecia dentro dos imóveis e muros das distintas ordens religiosas. “No Renascimento, o debate político sobre o tema cidadania, [...], dá-se basicamente em torno da interpretação da tese aristotélica da natureza política constitutiva do homem.” (Pinsky & Pinsky, 2003, p. 107) Na medida que os séculos avançaram e as relações sociais praticamente ficaram estagnadas, quando foi exigida a retomada de rotinas progressivas quanto ao sistema de governo público, as únicas fontes de conhecimento do modo de se adotar tal padrão eram o pensamento grego e o direito romano. Nesse período, acessar e praticar as ciências era privilégio das classes feudais, eclesiásticas, e há pouco tempo, mercantis e financeiras. Esse substrato dirigiu e financiou as transformações para a chegada no lado de cá do Atlântico, e para a renovação das esferas que consolidaram o modo de produção capitalista.

3.3 A MODERNIDADE E A CIDADANIA

Nesse estágio de amadurecimento da humanidade, o saber científico ganhou forma e tornou-se imperativo sobre o credo religioso. Conciliando a tal evolução, o ideal de homem comum mudou da figura de súdito para o de sujeito que compartilha ambiente e vontade, que detém certa autonomia para vender a sua força de trabalho, graças a compreensão de que existem diferenças entre as pessoas e que isso não significa que as desigualdades são naturais.

Dadas as metamorfoses econômicas em andamento, para que o novo regime pudesse empreender maior poder e influência nas rotinas das sociedades, se fazia preciso arrancar o governo das autoridades aristocratas, dentre todas as classes, na época, a que detinha das ferramentas e armas para recolher tal reputação era a burguesia, os classificados como “liberais”; e uma das nações pioneiras nesta tarefa foi a Inglaterra. Foi lá que o status quo do proprietário ensejou os primeiros passos da luta de classes entre capitalistas e proletariado, segundo palavras de Pinsky & Pinsky (2003, p. 131) “A cidadania liberal foi, pois, uma cidadania excludente, diferenciadora de “cidadãos ativos e cidadãos passivos, cidadãos com posses e cidadãos sem posses.” Ele ainda completa afirmando que

“[...] seus fundamentos universais (“todos são iguais perante a lei”) traziam em si a necessidade histórica de um complemento fundamental: a inclusão dos despossuídos e o tratamento dos “iguais com igualdade” e dos “desiguais com desigualdade”. Para tal fim, por uma “liberdade positiva”, é que virá à tona nos séculos vindouros a luta por igualdade política e social, tarefa árdua a ser conquistada não mais pelos liberais, mas regularmente contra eles, pelas forças democráticas e socialistas. Uma luta contínua que não cessa até o tempo presente. (Pinsky & Pinsky, 2003, p. 131)

Apesar de toda a contradição reservada aos Estados Unidos da América, na configuração atual da humanidade esse país mantém-se destacado diante dos demais. Entre os sem-números de fatores que levam a essa supremacia, vale a pena frisar que os EUA passaram de grupo de colônias no novo mundo para nação detentora de memória e identidade, partes de um todo que concebe o padrão de liberdade determinante na desenvoltura de sua civilização. “[...] o desejo de cidadania norte-americana e a ideia de progresso material tornaram-se, exatamente, o cimento que uniu o país.” (Pinsky & Pinsky, 2003, p. 149) Cabe lembrar da revolução ou guerra nos EUA que antecedeu a revolução francesa, e foi crucial neste debate sobre a cidadania.

Se houve na história um acontecimento que promoveu significativamente o desenrolar da proposta de cidadania que temos hoje, esse fato histórico foi a revolução francesa. A contribuição ímpar que diferencia o que houve ali do ocorrido na Inglaterra e nos EUA, se configura principalmente na luta pela conquista dos interesses coletivos de liberdade, igualdade e fraternidade.

O homem só pôde pensar na felicidade como um projeto de sociedade, isto é, como uma possibilidade para todos os que nela vivem, quando criou os meios de fazer com que a educação, a produção de alimentos, a fabricação das coisas de que precisava - tecidos, roupas, máquinas etc. - aumentassem a tal nível que deixassem de ser um privilégio de poucos para ser uma possibilidade de todos. (PINSKY & PINSKY, 2003. p. 160)

3.4 A CIDADANIA NO BRASIL

Sem sombra de dúvidas quando falamos sobre o conceito de cidadania, é comum recorrer aos pensamentos de Thomas Humphrey Marshall, a sua corrente de conhecimento preconiza uma trajetória lógica temporal até a estabilização do que apreende-se por cidadania, didaticamente ele diz que a ideia *cidadania* se constrói histórica e normativamente no século XVIII com a formação dos direitos civis, no século XIX após reconhecimento estatal dos direitos políticos, e por último, no século XX com a implementação dos direitos sociais.

Esse prisma é determinante para aprofundarmos os estudos relacionados à construção da cidadania no Brasil.

Para José Murilo de Carvalho, um longo caminho ainda falta ser percorrido para construir o cidadão brasileiro, segundo esse célebre autor, aqui no nosso país, a sequência lógica imaginada por Marshall foi invertida

“[...]primeiro vieram os direitos sociais, implantados em período de supressão dos direitos políticos e de redução dos direitos civis por um ditador que se tornou popular. Depois vieram os direitos políticos, de maneira também bizarra. A maior expansão do direito do voto deu-se em outro período ditatorial, em que os órgãos de representação política foram transformados em peça decorativa do regime. Finalmente, ainda hoje muitos direitos civis, a base da sequência de Marshall, continuam inacessíveis à maioria da população. A pirâmide dos direitos foi colocada de cabeça pra baixo.” (CARVALHO, 2004, p. 220)

Tomando esse atributo como âmago do nosso debate, para dar continuidade à tentativa de assimilar o tema da cidadania se faz inevitável reconhecer a existência de fatos históricos de subjugação dos povos originários da América e da África.

Referente aos índios, o processo de colonização da América devastou o que haviam construído como civilização, no que se refere ao Brasil, perderam território e valores culturais para serem forçosamente incluídos num Estado ilegítimo. Dentro dessa perspectiva, compactuo com Pinsky & Pinsky (2003, p.420) quando questiona se seria cidadania para índios brasileiros o que aconteceu a partir de 1950, pois “[...] pararam de decair em números e em consistência cultural, recuperaram sua demografia, consolidaram seus territórios e agora buscam afirmar-se com alguma espécie de autonomia perante a nação brasileira.”

Apesar de considerar que a questão da autonomia tem um peso importante no longo caminho a ser passado para completar o que falta de cidadania aos indígenas, o mesmo autor coloca que é a união entre eles e os demais brasileiros que vai fazer a diferença nessa trajetória.

Igualmente dominados pelo povo europeu, os africanos chegaram ao Brasil tratados como mercadorias e obrigados ao escravismo. Essa situação revela que para essa parte da população falar sobre a existência de qualquer direito é impossível. Com o passar dos anos e as raízes cada vez mais brasileiras do que africanas, por meio de muitas revoltas e lutas, o povo negro veio conseguindo se libertar daquele regime e pleitear outros espaços na sociedade.

Contar a história da escravidão no Brasil é preciso relatar que ela foi profundamente enraizada e difundida na sociedade. Ao ponto de acabar o regime de escravidão, e mesmo assim, a natureza escravista continuou repercutindo na vida das pessoas negras e seus ascendentes. Portanto, Carvalho mais uma vez é assertivo ao constatar que

“As consequências da escravidão não atingiram apenas os negros. Do ponto de vista que aqui nos interessa - a formação do cidadão -, a escravidão afetou tanto o escravo como o senhor. Se o escravo não desenvolvia a consciência de seus direitos civis, o senhor tampouco o fazia. O senhor não admitia os direitos dos escravos e exigia privilégios para si próprio. Se um estava abaixo da lei, o outro se considerava acima. A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogância de poucos correspondem ao desfavorecimento e a humilhação de muitos. (CARVALHO, 2004, p.53)

Outra condição penosa ao exercício da cidadania no Brasil estava vinculada ao poder exercido pelos donos de muitos hectares de terra. Esse direito que pertencia à poucos concedia ao seu agraciado uma distinção política que tinha bastante similaridade com a cultura do feudalismo. Os coronéis da terra negavam direitos civis e tratavam a população brasileira muito mais como vassalal do que propriamente cidadãs. E assim; “O direito de ir e vir, o direito de propriedade, a inviolabilidade do lar, a proteção da honra e da integridade física, o direito de manifestação, ficavam todos dependentes do poder do coronel.” (CARVALHO, 2004, p. 57)

Todo o conteúdo que foi destacado sobre o passado do nosso país até aqui, desenrolou-se numa era que vou chamar de pré-industrialização, embora até o nosso tempo seja provável constatar pedaços daquele período. A mudança de uma economia estritamente agrícola para uma plantada em fábricas, impôs dilemas e desafios, ainda não vividos, à construção da cidadania no Brasil.

Como modelo adotado para ultrapassar essas barreiras entrou um poder público forte e extremamente intervencionista. As forças sociais que se moviam em prol de maior igualdade social, principalmente na defesa de direitos trabalhistas, foram quase que completamente absorvidas pelo Estado, por esse motivo, localizo em Carvalho (2004, p. 61) a palavra “estadania”, utilizada como sinônimo de cidadania.

A declaração que explica tal definição com maior vivacidade é a que vejo a seguir.

A antecipação dos direitos sociais fazia com que os direitos não fossem vistos como tais, como independentes da ação do governo, mas como um favor em troca do qual se deviam gratidão e lealdade. A cidadania que daí resultava era passiva e receptora antes que ativa e reivindicadora. (CARVALHO, 2004, p. 126)

3.5 UMA DEFINIÇÃO DE CIDADANIA

Estudar SSO é: ir muito mais adiante do que entender as transformações produtivas e lidar continuamente com as expressões da questão social, recebendo situações em que a(o) cidadã(o) demanda intervenção na sua esfera mais íntima; é assumir o tema cidadania como peça chave do quebra-cabeças infinito que é o exercício profissional, e para os diferentes espaços sócio-ocupacionais; é agir organizadamente para concretizar e conquistar direitos; é quase que viver fora de si, criando uma nova sensibilidade às inter-relações entre ciência, política, cultura, economia, sociedade e meio-ambiente.

Assumindo o que foi exposto, seguimos redigindo acerca da correlação entre essa temática e a tríade teórico-metodológica, ético-política e técnica-operativa, a fim de destacar e não esgotar, as características que logram uma elucidação excepcional a partir do campo de conhecimento anunciado. Ponderando que, atrelar o tema central do nosso trabalho com qualquer uma das três categorias exige uma pesquisa profunda e extensa, que ultrapassa a meta deste TCC, isto posto, tentarei sintetizar tão intensa reflexão.

Olhando para os aspectos teórico-metodológicos, parece aceitável evidenciar que nas décadas mais recentes, o SSO tem se ocupado em se opor ao conservadorismo e à sociedade do capital, apanhando a política social como etapa consagrada dos direitos e da cidadania.

Quando a mira está sobre o eixo técnico-operacional, entendo que a prática profissional, de maneira elementar, subsiste no sentido de angariar bens socialmente produzidos com a finalidade de preencher partes de um todo, e essa totalidade é a cidadania propriamente dita.

O enfoque que se pode propor para o sustentáculo ético-político, surpreende e requer a compreensão da cidadania como algo em constante movimento, desde a sua perspectiva conceitual até os seus resultados práticos no cotidiano das pessoas, sabendo-se que, a busca por uma transformação social passa pela identificação da realidade momentânea e do movimento por aquilo que precisa melhorar.

Já que trabalho com termos conjunturais, preciso examinar a grande densidade populacional desenvolvida no século XX, que, por não mera ocasião, aumentou também a capacidade de transporte, comunicação, do fluxo de capitais e mercadorias, por todo o

mundo. Vivemos num momento histórico onde a ciência e a tecnologia exercem o papel de transferir o que nasce no campo das ideias para o movimento da realidade, e estamos quase, senão completamente, subjugados por essa lógica. Posso citar como maiores expressões dessa condição global, o império da internet e a virtualização das coisas, junto com o aumento das degradações ambientais, a persistente desigualdade social e seus agravadores, e, um pacto praticamente pleno a respeito da austeridade que deve guiar os instrumentos econômicos dos governos nacionais, mormente os mais democráticos.

A sociedade humana é consubstanciada em formato de teia, cujos pontos de articulação e ligamentos podem ser as pessoas, as famílias, as comunidades, as entidades, as instituições e as corporações, que mesmo possuindo preocupações distintivas, movem-se obrigatoriamente como formadores de uma massa heterogênea. Tal agregado, contraditório e desarranjado desde a sua essência, tem por característica mínima, expandir-se nos eixos temporal e espacial, deparando-se com adversidades que impulsionam superações que sofrem com novas desordens.

Até o presente momento, ao longo da história, a inteligência humana sempre foi a principal fonte de concepções e movimentos que culminaram no ultrapassar desses limites. E para que ideias renovadas continuem aflorando, em maior quantidade e qualidade, nós, integrantes da sociedade humana, carecemos de mentalidades cada vez mais críticas.

O intelecto próspero aprende sobre si mesmo e o seu entorno, utiliza ferramentas e constrói mecanismos que ficam disponíveis para utilização pessoal e coletiva. A noção de cidadania construída neste trabalho está revestida pelo panorama no qual: para os indivíduos devem ser garantidos direitos iguais, pelo simples fato de nascerem humanos, independente de naturalidade, raça/etnia, gênero, classe e quaisquer elementos de distinção; esses mesmos indivíduos devem manter-se ativos correspondendo com o interesse maior, da coletividade, influenciando crítica e positivamente na evolução daquela rede e na igualdade das relações sociais, políticas e econômicas.

Em conformidade com o esquema supracitado, posso então conceituar *cidadania* em três dimensões, na primeira FORMAL, o poder público através do Estado entra com regras que definem direitos e deveres individuais e coletivos, na segunda MATERIAL INDIVIDUAL, cada pessoa tem ativa ou passivamente, abatido e garantido seus próprios direitos e deveres cotidianamente, e na terceira dimensão MATERIAL COLETIVA, estão

organismos sociais compostos por um grupo de pessoas, estrategicamente posicionadas para conquistar e nutrir os direitos alheios ou para si próprios.

Ainda que cause pesar reconhecer que a humanidade seguiu um trajeto passando por incomensuráveis sofrimentos e que isso se perpetue até os dias de hoje. Negar completamente que o conjunto de aparelhos fundados e estabelecidos em torno do modo de produção capitalista possui uma outra face viável. Corre o perigo de tornar inúteis o modo de avaliar uma determinada circunstância, a preparação de ações de mudança dessa realidade e a produção de efeitos permanentes.

Ocupando-se com o exercício profissional, já está no extremo do desafiador, alcançar resultados do ponto de vista dos princípios fundamentais preconizados pelo nosso código de ética, como a defesa dos direitos sociais, o posicionamento em favor da equidade e da justiça social, e a busca da democratização das relações sociais. Desse modo, tomar para si, como categoria profissional e trabalhadora o compromisso intransigente de confrontar o modo de produção, num caráter revolucionário por meio de posições político partidárias, pode ser demasiadamente oneroso e enfraquecer a relevância que a nossa profissão tem na sociedade atual e seu constante processo de evolução.

Cabe aqui perceber, os detalhes que diferenciam a ciência econômica aplicada e o que nela existe de incongruência epistemológica³, do conservadorismo infundido pela sociedade burguesa, que a primeira categoria pode nos ser útil para orientar as nossas ações em todos os espaços sócio-ocupacionais, na prevenção e na intervenção das situações de vulnerabilidade e violação de direitos, e que a segunda categoria é deixada para trás no momento que decidimos romper com a necessidade de controlar as classes trabalhadoras para nos atrelar às lutas sociais e moldar, a partir delas, a nossa área de estudo, nossas competências, instrumentalidades e a sociedade.

Reconhecendo as transformações no mundo do trabalho, em decorrência da globalização, do aumento das tecnologias de informação e comunicação, e dos desequilíbrios econômicos, o impacto delas no SSO, não para elaborar e tecer críticas

³ O SSO tem como marca estética o filtro da economia política com o uso da correlação capital e trabalho para amparar seus princípios e justificativas, contudo, Cechin (2008, p.18), alerta para os limites desse paradigma, para ele, ainda que Karl Marx considere a interação homem e natureza nos seus estudos que explicam a ação do trabalho como transformador dela, e a separação desse mesmo homem dos seus “meios de vida”, como a terra, estando obrigado a vender a sua força de trabalho, e revelado que este fator é o núcleo de toda a desigualdade. Ele não “atribuiu nenhuma importância para o papel da natureza na explicação da dinâmica capitalista, nem como fonte provedora de recursos, e nem como sumidouro de resíduos.” (CECHIN, 2008, p.38) Esse anteparo merece um aprofundamento crítico que investigue até que ponto um outro paradigma poderia preencher o esqueleto da profissão.

extensas e estéreis, e sim para criar o máximo de aproximação no predizer das tendências que se formam. Ou seja, analisar criticamente causa e efeito do aumento das jornadas de trabalho com redução de salários, deve superar a gestão dos riscos associados, é a procura por entender para onde estão indo os empregos com jornadas mais flexíveis e melhores proventos, e o que pode ser aproveitado para contornar o stress e as incertezas provocados por essa precarização.

Tomando esse ponto de partida para investigar as dificuldades que permeiam as profissões de todas as áreas, inclusive a nossa, para estarem adaptadas ao novo mundo do trabalho. O que leva a querer saber que tipo de ferramentas tornam mais eficaz e eficiente o nosso atendimento.

Conforme avistado nas seções anteriores, o contexto sociopolítico brasileiro é caracterizado por uma série de conflitos que afetaram e afetam a vida das pessoas em todo o país. A insuperável constante da descompensação econômica, agravada pela pandemia do covid-19 têm gerado aumento expressivo das demandas por políticas públicas praticadas pelos serviços do tripé da seguridade social. Nesse cenário, o SSO tem que ser parte obrigatória, porque é historicamente requisitado para isso, erigiu as suas próprias formas de trabalho e está plenamente capacitado para lidar com esse tipo de demanda e problema, é possível afirmar ainda, que é autoridade nesse assunto e que falta poder para não mais relativizar, e sim, aplicar a autonomia na proteção dos direitos civis, políticos e sociais. Por isso, é tão caro refletir acerca da instrumentalidade e como esse conjunto de recursos, métodos e técnicas podem subsidiar nossas habilidades e conhecimentos práticos no desenvolvimento da intervenção ético-política.

No caminho científico do SSO combater efetivamente todas as formas de opressão pode ser classificado como contingência profissional, o que se aprova com firmeza é uma postura propositiva e que adere como habilidade a capacidade de mobilização política organizativa, refletida na correspondência com os movimentos sociais. Esse é um aprendizado construído na relação ensino, pesquisa e extensão.

A Surfssa, da maneira que foi constituída, implementa uma proposta que satisfaz a união por uma bandeira de luta coletiva, onde pode haver condições necessárias para harmonizar os princípios fundamentais da profissão. Não se deve pensar que uma organização coletiva tem o patamar de política social, é suficiente saber que ele não preenche todo anseio veemente da categoria de análise do nosso trabalho, a cidadania, e

que apesar disso, contribui como manobra favorável à robustez temporal e humanitária, desde já, auxiliando na defesa dos direitos de cidadania.

O que foi acima referido faz da(o) profissional em SSO se diferenciar de qualquer outro bacharel junto a uma associação, e tem o reconhecimento de Duriguetto e Baldi (2012), que definem essas características como “[...]elementos elucidativos da relação das ações de mobilização e organização empreendidas pelos assistentes sociais com os processos de emancipação política e de emancipação humana.” Isso nos faz enxergar que a relação entre o SSO e os movimentos sociais é necessária pela integração do objetivo de dar impulso à justiça social.

O que do ponto de vista técnico não pode ser suprimido é o modo particular de diferenciar uma coisa da outra, enquanto os movimentos sociais lutam para mudar as estruturas sociais que causam as injustiças, o SSO atua diretamente com as pessoas afetadas, auxiliando-as na busca por soluções. Adentrando um pouco mais nesse quesito, o olhar atento da(o) assistente social com os movimentos sociais contribui com eficiência no atendimento e escuta das demandas e organização dos grupos buscando coerência com os objetivos combinados.

Oportunamente, está no catálogo de competências da(o) profissional que pretende estar perto de uma associação sem fins lucrativos, conhecer as leis e os aspectos normativos que regem esse tipo de entidade, dominar os princípios éticos que direcionam a atuação, a capacidade de realizar diagnósticos partindo do singular ao universal e vice-versa a respeito dos indivíduos, grupos, comunidades, áreas e temáticas relacionadas aos interesses das sociedades sem fins lucrativos, gerando propostas de intervenção adequadas àquele ambiente e seus atores, ser hábil para mobilizar recursos, trabalhar em equipe e se relacionar com diversos públicos, além dos aparelhos do Estado.

O caráter generalista da formação em SSO permite que o exercício profissional assuma formatos diversos, de acordo com as necessidades dos indivíduos e da sociedade, o que vai desde a orientação e aconselhamento, que funcionam de modo a auxiliar a(o) cidadã(o) na compreensão da sua própria realidade e na sua tomada de decisões, passando pela mediação de conflitos entre familiares, vizinhos, e afins, transitando também pela pesquisa científica no objetivo de compreender os fenômenos sociais e como afetam as pessoas amparando ações do poder público, chegando até a se encaixar em iniciativas específicas, como as realizadas em conjunto com organizações de caráter variados. Por exemplo, planejando e executando ações favoráveis à cidadania por meio do esporte,

elevando o potencial humano, gerando oportunidades, o acesso à educação, à saúde e a outros serviços, e mais ainda, proporcionando o convívio e a socialização, a melhora física, mental e do caráter, do espírito de liderança, do trabalho em equipe, do respeito às regras e às opiniões divergentes, e da consciência cívica, qualidades essas, importantes para cidadã(o)s responsáveis.

4 A CIDADANIA COMO PROPÓSITO COLETIVO

“Você não muda as coisas lutando contra a realidade atual. Para mudar algo é preciso construir um modelo novo que tornará o modelo atual obsoleto.”

Buckminster Fuller

Toda a experiência com o SSO tem como ponto de partida o uso do método crítico dialético, modo de fazer ciência social que se protege nas raízes históricas para formar uma análise de conjuntura e agir como parte dela. Idealizar, planejar, construir e fazer andar uma associação é um trabalho que exige compreensão sócio-histórica das partes que a constituem.

Esse todo, quando funciona incorporando múltiplas ideias, valores democráticos e de liberdade, assume por qualidade legítima, ser fração da energia indutora do movimento, também histórico, no desenvolvimento da cidadania, em prol do ser social.

Precisamente, a Surfssa, surge como um organismo vivo que engloba em suas funções, educação ambiental e esportiva, que proporciona à população a chance de ocupar o tempo ocioso, aprender e aprimorar uma habilidade, competir no alto rendimento e se preparar para campeonatos de maior relevância, recuperar e cuidar da saúde, trabalhar e complementar a renda. Assim sendo, é através do surfe que essa organização aparece também como um instrumento de socialização e promoção da cidadania.

O cuidado de ponderar diferentes percepções sobre como se deu o processo de fundação da Surfssa exigiu como tarefa, ouvir outras pessoas que participaram de todo o rito. Para realizar tal atividade, resolvi, enquanto pesquisador, considerar a aplicação de uma entrevista dirigida.

Antes de ir para o campo da prática, fiz o elementar, parei para pensar no modo de viabilizar do ponto de vista ético científico, a utilização de dados e informações oriundas da fala de terceiros, com a experiência e sugestão do orientador que olhando para a característica da pesquisa, sugeriu o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Depois de encontrar uma referência e adaptar ao objetivo do projeto, passei a criar um roteiro com as questões que seriam feitas para as pessoas alvo, posteriormente a isso, entrei em contato para saber quem poderia se dispor a participar do encontro onde iríamos conversar privadamente, gravando em áudio esse momento para futura transcrição.

A primeira pessoa que falei, se colocou totalmente a disposição, por isso, consegui agendar o bate-papo com ela ainda na semana que havia finalizado o roteiro. Chegado o dia, após o horário do expediente, encontrei com o primeiro entrevistado na sua residência. A pessoa concordou que as respostas fossem gravadas e pediu que eu mandasse as gravações assim que possível. Logo que cheguei em casa, montei um formulário no Google Drive que reproduziu as questões, dessa maneira, pude transcrever para futuramente extrair os dados a partir de uma planilha.

O segundo entrevistado também se dispôs rapidamente a participar da pesquisa, do mesmo modo que aconteceu da primeira vez, fui até a casa da pessoa, lá tivemos uma conversa não engessada, mas estruturada conforme as perguntas do nosso roteiro, que também foi registrada em áudio. Depois, tudo foi transcrito pelo mesmo formulário.

Já a terceira pessoa, foi entrevistada num estabelecimento comercial do setor de alimentos, que estava com poucos clientes no momento da nossa conversa, lá, segui os mesmos passos dos diálogos anteriores.

Como a meta era entrevistar até cinco pessoas, busquei uma quarta pessoa, que respondeu de forma completamente inversa, após a negativa, procurei outra opção que não consegui entrevistar por incompatibilidade de agenda, assim aconteceu com uma sexta pessoa também, dessa vez, propus que a entrevista não fosse cara a cara, eu enviei as perguntas via WhatsApp, e esse interlocutor, me responderia gravando áudio na mesma plataforma, por motivo desconhecido, isso não foi feito, então resolvi que as entrevistas concretizadas já seriam suficiente para o trabalho.

Abaixo, vou apresentar as perguntas e o que considerei importante destacar das respostas de cada participante.

Você poderia por favor falar um pouco sobre como se deu o seu processo de envolvimento pessoal com a Surfssa?

Entrevistada(o) 1: - “É, meu envolvimento pessoal foi pela força maior que era a necessidade de fundar uma associação de surfe em Salvador, inclusive já existia uma que está com o CNPJ inapto, ao invés de pegar a associação deles, resolvemos fundar uma associação nossa. A gente reuniu um grupo

de pessoas envolvidas com o surfe no município, e nos unimos com pessoas que não faziam parte desse mundo, mas tinham interesse de trabalhar com o surf, entendendo que o surfe é uma ferramenta de inclusão social.”

Entrevistada(o) 2: - “[...]tava carente aqui na cidade o surfe de modo geral se voltou muito pro exterior e aqui no nosso país as coisas estão mais fechadas, difíceis[...].”

Entrevistada(o) 3: - “Foi através de uma amiga que tem uma escola de surfe e ela falou que estava tendo esse movimento e perguntou se eu não queria entrar para representar as mulheres, além dela eu vi que tinha outra pessoa que eu conhecia então eu me envolvi.”

Com essas respostas, pude identificar dois fatores que levaram essas pessoas a se envolverem com o projeto coletivo, o primeiro é o vínculo de confiança e respeito por uma pessoa em específico, devido ao seu notório conhecimento acerca do surf, e o histórico de sucesso que ela teve em outras ocasiões. O segundo fator aponta para a “carência” ou “necessidade” de se montar uma figura comunitária, no caso, uma associação, para cuidar dos interesses do surf, e do que envolve a cadeia e o ciclo desse esporte dentro do município de Salvador. Entre outras peças, surge nesse momento o traço agregador do esporte, demonstrando que ele realmente detém a capacidade de unir diferentes setores e demandas da sociedade. Um ponto muito importante está pautado quando a entrevistada número três coloca que a sua intenção é fazer valer os interesses femininos dentro do globo da associação.

Como soube da proposta inicial de criação da entidade?

Entrevistada(o) 1: - “[...] a ideia nasce de um grupo que se juntou. Tentamos conversar com o pessoal da outra associação, mas não houve diálogo[...].”

Entrevistada(o) 2: - Foi a publicação numa dessas páginas de rede social sobre a união de surfe da Bahia [...] por essa amiga que me convidou.

As respostas dadas para esta pergunta, nos induz a entender que o potencial do surfe estava sendo negligenciado ou mal aproveitado por pessoas movidas por valores individualistas, que por outro lado, existiam pessoas incomodadas com essa situação, mas elas estavam dispersas, para unir essa gente interessada em dar um salto na história do surfe no município, as tecnologias da informação e comunicação, através das redes sociais, foram bastante eficazes. Outro fator que surge nesse tópico, é que não somente de uma demanda específica se unem as pessoas em torno de uma associação, a resposta da(o)

entrevistada(o) três vem para demonstrar que laços de amizade e de afeto podem ser geradores de coletivização para objetivos ampliados ao rumo da sociedade, da civilização e da humanidade.

Por que resolveu participar?

Entrevistada(o) 1: - “Porque eu posso contribuir com o meu histórico de surf, tenho 55 anos e comecei a surfar com 14/15 anos. A gente percebe que quando chega certa idade a gente precisa escrever uma história [...]”

Entrevistada(o) 2: - “Tenho o propósito de deixar um legado [...] eu me vejo assim já entrando para essa história de fazer um trabalho longínquo e de porte bem afortunado.”

Entrevistada(o) 3: - “Para representar as mulheres, e também porque eu acho que o surfe consegue fazer uma grande contribuição (social com as crianças e educação ambiental com os surfistas) para a comunidade.”

As respostas que vimos acima, apresentam uma contradição, já que alcançar resultados a favor de um contexto coletivo é tido como algo que preenche necessidades individuais, por isso, vimos nas respostas que explicaram o porquê de cada um(a), valores superiores como, deixar um legado, colocar o nome na história e contribuir para o melhor desenvolvimento da comunidade. O que há em comum é também uma preocupação com as futuras gerações.

O que pensa sobre a associação quanto a sua função?

Entrevistada(o) 1: - “Que a função de uma associação, ela tem que agregar o máximo de pessoas que participem das ações da associação, que seja um sócio participativo, não é aquele sócio que fale apenas "sou sócio" não. [...] tem o sistema que funciona como uma roda, que é o colegiado que a gente está trabalhando como colegiado, com dois diretores em cada coordenação.”

Entrevistada(o) 2: - “A função é ocupar esse espaço que tem aí, que pode preencher não só a quem tem simpatia pelo esporte, é toda uma gama de outras atividades de ocupação, esporte é saúde, é fazer uma sociedade mais evoluída também, que interaja mais e o que o se foi feito, o trabalho dos pioneiros como eu no caso, hoje em dia você vê que o sucesso é bem mais fácil, todo mundo tem câmera, acesso rápido pode ver até online, então eu

vejo que muita coisa se perdeu no passado mas chegou até aqui e agora tem que ser melhorado[...]"

Entrevistada(o) 3: - "[...] uma grande contribuição na parte da comunidade com as crianças e da parte ambiental de proteção das praias [...]"

De acordo com esse conjunto de respostas, constatei que a principal função da Surfssa é agregar pessoas para ocupar um espaço que está aberto, no caso a gestão do surf, inovando na forma como se estrutura o corpo diretivo, articulando e conectando recursos, tecnologias, infraestruturas e informações, contribuindo com a democratização do espaço urbano, a educação básica e a conservação do meio ambiente.

O que pensa sobre a associação quanto ao seu objetivo?

Entrevistada(o) 1: - "[...] fortalecer e dar uma repaginada no surfe de Salvador juntamente a garotada, efetuar e fazer campeonato, competições para poder ter uma forma de evolução dos atletas e fazer os eventos sempre que agregue a questão social, [...] chamar mais gente, inserir."

Entrevistada(o) 2: - "É difundir o surfe de forma organizada, [...] faz com que esse mercado cresça. [...] Tem outros esportes também que podem aproveitar dessa infraestrutura também [...] a questão das verbas que são destinadas, a gente está vigiando para que essas verbas tragam um resultado mais efetivo, [...] fazer uma coisa, fazer o esporte, o entretenimento o lazer, também, tudo que possa trazer prestígio ao povo, que desenvolva o turismo [...]"

Entrevistada(o) 3: - Sempre deve ter esse envolvimento, das várias áreas, tanto do esporte, quanto da área social e da ambiental, tem isso, no objetivo, eu acho que no esporte tanto melhorar um pouquinho como o esporte é visto, como está sendo essa questão de desvalorização do atleta, você vê que pouquíssimo atletas conseguem apoio ou patrocínio pra poder estar nas competições, do que as questões das marcas, lojas, acho que se focar mais no atleta, no desenvolvimento do surfe através do atleta.

No tocante ao assunto, aparece mais uma vez a carência de uma cadeia ordenada de ações voltadas ao surf, na visão das pessoas entrevistadas, corroborando com a perspectiva de que a Surfssa surge para incentivar a melhoria do esporte a nível de alto rendimento, e também, contribuir com a justiça social introduzindo mais pessoas e expandindo o acesso perspectiva do esporte como ocupação do tempo livre e de lazer,

contribuindo com o melhor controle da verba pública destinada ao esporte, estimulando o turismo, prezando pela melhor experiência dos fãs e adeptos, aproveitando o potencial de mercado do ponto de vista laboral e comercial.

O que a Surfssa deve fazer?

Entrevistada(o) 1: - “[...] trabalhar de uma forma que olhe mais pro pessoal que não tem condições, [...] fazer um projeto de agregação de inserir, porque inserir essa questão classe social não é só o pobre, é inserir o pobre com rico, os dois conviverem no mar, [...] trabalhar mais com a parte humana[...].” Entrevistada(o) 2: - “Por em prática tudo isso aí, porque o modo que muitas pessoas veem um esporte arriscado, vê uma coisa assim largada e mal vista, [...] o surfista tem condições de praticar um salvamento[...].”

Entrevistada(o) 3: - O objetivo, se conseguir alcançar o objetivo, trabalhar principalmente a parte social, ambiental e do esporte.

Aqui é perceptível a ideia de que a Surfssa deve prezar pelo cuidado com as pessoas de baixa renda, sendo aliada na luta contra o preconceito por motivo de renda e de estigmatização que o surfista sofre, também, pela ruptura de atitudes contrárias à igualdade entre as pessoas.

Por que ela é importante?

Entrevistada(o) 1: - Porque é importante na verdade primeiramente pra você trabalhar hoje você precisa de um registro jurídico para você se comunicar com as autoridades competentes

Entrevistada(o) 2: - “[...] desenvolver e contribuir para uma melhor qualidade de vida, de segurança de prática também. Pode gerar emprego e atividade remunerada para as pessoas.

Entrevistada(o) 3: - “[...] ter alcance maior sobre o tema para as pessoas, e talvez fazer com que ocorra uma mudança social.

As principais ideias com relação a esse ponto são, transmitir seriedade e segurança jurídica para as pessoas, as empresas e o poder público, aglomerar pessoas e aumentar os níveis de impacto, força, poder e influência no cenário político econômico, prezar pela defesa dos direitos das pessoas e contribuir com a transformação social.

O que pensa sobre a associação quanto ao seu papel político?

Entrevistada(o) 1: - “[...] eu vejo que a gente pode se tornar uma força política, para exigir nossos objetivos, nossos o que a gente pensa como associação, porque na verdade existe uma lacuna né no surfe de Salvador justamente isso porque não tem uma associação que trabalhe sobre isso e a gente politicamente pode se organizar e independente de partido, porque isso aí não é partido, porque a gente pode alavancar muitas coisas para construir nosso projeto, principalmente nossos projetos sociais.”

Entrevistada(o) 2: - “Essa parte das verbas, dos órgãos, das instituições também que tem seus dirigentes, então acho que é, creio que é seguindo um alinhamento do que as normas exigem para serem candidatos, por exemplo, tem uma liga mundial que tem o direito ao voto para um dirigente, é isso que vai se construindo.”

Entrevistada(o) 3: - Eu acho que qualquer grupo e associação que está trabalhando para o bem é importante.

A consciência de que a Surfssa é uma organização política diferente das partidárias, que pode inclusive ser um espaço de interlocução entre estas. Vimos também a noção de política participativa, tanto nas instituições estatais quanto nas instâncias que envolvem o esporte a nível mundial. Ficou implícita a ideia de que a Surfssa tem o compromisso com as pautas que fazem parte da sua zona de atuação, como, educação, esporte, lazer, meio ambiente, mobilidade e ocupação urbana.

O que pensa sobre o surf?

Entrevistada(o) 1: - “[...]eu vejo como algo de desenvolvimento pessoal e de superação do próprio limite, como terapia, [...] O surfe tem a situação de 50 por cento de perigo e 50 por cento de diversão.

Entrevistada(o) 2: - “[...] uma opção de vida que eu me encontrei bastante nela, faz parte da minha vida, me fez ser quem eu sou, me fez ter bravura e saúde também, que o importante é ter saúde, não é só a parte física também tem a parte mental, [...] contato com a natureza, [...] é todo um costume, um modo de vestir [...]”

Entrevistada(o) 3: - É vida. É esporte, é saúde física e mental, é brincadeira e conexão com a natureza, estar entre amigos também.

Chama atenção a noção de identificação cultural, interação com a natureza e outras pessoas, de motivação para cuidados com o corpo, a mente, e todo o estado de espírito para se desenvolver como pessoa diante da dificuldade.

O que pensa sobre o papel social do surf?

Entrevistada(o) 1: - O surfe já é social, porque você está ali no mar não é bom ficar sozinho, é bom chamar um colega para surfar porque um protege o outro então já está socializando ali. [...] ele pode socializar com alguém que não sabe surfar, em defesa do meio ambiente, a prancha é uma propaganda social, porque ela é um outdoor, você pode colocar um adesivo que você possa falar uma linguagem social e multiplicar isso, "em defesa do meio ambiente"

Entrevistada(o) 2: - “É uma escola, [...] uma tribo, uma família que é só alegria, tem a saúde e tem alegria, quando tem união as coisas se desenvolvem, tem a união pra ver quem pegar melhor, é divertido até, cria muitos laços de pessoas que se identificam uns com os outros, [...] graças a Deus a onda ainda é de graça, é um lazer que é do povão e do proletariado [...]”

Entrevistada(o) 3: - Seria essa mudança, principalmente com as crianças, [...] tanto como lazer como outra opção de carreira e estilo de vida.

Considero, que neste tópico a noção de papel social ocorre nos eixos de relacionamento interpessoal no sentido de união e de promoção de uma identidade cultural, de propagação de valores e ideologias, de ocupação do espaço público, no caso a praia, de aproveitamento dos recursos naturais como as ondas, de aprendizado uma nova habilidade, de trabalho e renda.

Quais as suas expectativas pessoais a partir da fundação?

Entrevistada(o) 1: - É o que eu faço com a minha associação, eu fui eleito presidente por aclamação na associação de surfe de Itapuã, eu penso que a gente pode se juntar para multiplicar o trabalho social porque a gente trabalha somente com isso; [...] A minha expectativa é que daqui a cinco anos ela produza surfistas competidores para representar o município, o estado e o país. Outra expectativa é que a SURFSSA tenha ligação com os bairros para que os bairros sejam a mola propulsora da associação[...]

Entrevistada(o) 2: - Acho que vai desenvolver o surfe e vai organizar acho que com certeza deve difundir mais, deve ter um maior alcance, maior simpatia, aí tá na cara que o retorno também pra quem pega e está no meio é evidente, sem falar no prazer de ver e contribuir pra chegar onde tá, aí o pessoal até esquece, quem tá lá hoje vivendo um sonho, [...] passou de um sonho para uma perspectiva maior de projeto[...]

Entrevistada(o) 3: - “[...] espero contribuir com a parte ambiental e gosto muito de fazer trabalhos voluntários, espero conseguir alcançar as crianças, tanto com o surfe quanto com a parte ambiental, e também com a parte inclusiva[...].”

Nesse trecho, encontro nas respostas a esperança de formar parceria entre a Surfssa e outra entidade que a pessoa está vinculada de modo a espalhar o modelo de trabalho ali empregado para outras regiões da cidade. Há também a intenção de preparar atletas para que cheguem na parte alta do ranking mundial. Outro ponto que apareceu está ligado ao retorno financeiro para quem trabalha com o setor. É possível verificar como expectativa pessoal, o sentimento de trabalho realizado quando no futuro, a Surfssa estiver consolidada e reconhecida pelo seu histórico. Assim, inferimos que todas as pessoas entrevistadas pensam num projeto de compromisso social maior, que transmita conhecimento para no futuro enxergar que as sementes plantadas no passado estão dando frutos.

Você tem ou já teve outras experiências de organização política?

Entrevistada(o) 1: - “[...] trabalhei com muitas associações, já fui delegado do meio ambiente quando tinham as conferências[...].”

Entrevistada(o) 2: - “Nunca participei de partido ou qualquer entidade, já participei de assembleia quando fui sindicalizado, também participei de algumas greves, na época era no âmbito dos eletricitários [...]”

Entrevistada(o) 3: - “Sou voluntária numa associação que também trabalha com surf, mas assim, engajada e na frente das coisas não.”

Todas as pessoas entrevistadas tiveram envolvimento com algum tipo de projeto de organização política, principalmente da sociedade civil organizada, apenas uma pessoa respondeu que foi membro de sindicato. A questão da intensidade de engajamento é um fator que varia bastante, desde aquela pessoa que sempre esteve como liderança em alguma atividade, até aquela que participa sem se envolver muito, correspondendo com algumas tarefas específicas da organização à qual participou. Para essas pessoas, atuar junto com partidos políticos e eventos eleitorais esteve distante das suas rotinas, o que indica isso é que a maioria delas sequer mencionou isso, e a que falou sobre o assunto, declarou nunca ter participado.

O que sabe sobre a temática cidadania?

Entrevistada(o) 1: - “[...] ser leal, como falei a você, meio ambiente engloba tudo, todos somos partes do meio, cidadania é ter respeito um com o outro, é dividir até bens, [...] ajudar aquela pessoa sentir o mesmo prazer que você sente, isso é cidadania dentro do surf. Amar o próximo [...]”

Entrevistada(o) 2: - “Cidadão é aquele que sabe onde começa o dever dele e acaba o direito. [...] o coletivo e não um ser isolado, é da cidade, [...] tudo tem que ter um respeito mútuo, [...] O cara tem que ter o senso também de educação, de amor ao próximo. [...] Então para inculcar essa coisa de cidadania nas pessoas tem que passar a conservação das praias, da limpeza, o cara tá jogando lixo na cabeça dos outros.”

Entrevistada(o) 3: - Tem muita coisa a ser alcançada, vejo que esse momento de pandemia parece que muitas coisas voltaram ao passado, então é um trabalho árduo de todo dia.

Entendem como fazer parte de uma rede que compartilha o território, experiências, ideias, objetos, sentimentos e sensações, e por causa disso, devem olhar de igual para igual com amor, respeitando os limites entre direitos e deveres. Deduzimos também que para uma das pessoas entrevistadas, a cidadania tem haver com se tornar uma pessoa *superdesenvolvida*. Uma resposta muito interessante aparece afirmando que a cidadania é algo que se constrói cotidianamente, corroborando com o conceito construído neste trabalho.

O que é cidadania para você?

Entrevistada(o) 1: - “Pra mim é respeito ao próximo, dar valor ao que você tem e se puder retribuir para o próximo [...]”

Entrevistada(o) 2: - Tem que ser uma forma de respeito; [...] O cidadão que é para preservar a natureza está só querendo destruir e ganhar dinheiro.

Entrevistada(o) 3: -

O que foi respondido nessa pergunta, geralmente fez referência ao respeito e como tem sido complicado conviver em sociedade, pelo fato das pessoas estarem cada vez mais egoístas, assim, foram tecidas críticas ao desejo excessivo pelo dinheiro, ao baixo interesse e preocupação com o outro e à falta de empatia. Uma consideração de efeito aparece com a declaração de que incluir outras pessoas no esporte para experimentarem as boas experiências proporcionadas pelo surfe é um aspecto da cidadania.

Qual é o papel da associação nesse sentido da cidadania?

Entrevistada(o) 1: - “[...] a gente tem o papel de mostrar para a sociedade que a gente organizado consegue fazer coisas não só para ela mas também para outras comunidades, que pode servir de espelho e de multiplicador[...]”

Entrevistada(o) 2: - É mostrar com educação, a que ponto que a pessoa pode ser um indivíduo melhor, porque não um esportista, ainda mais num esporte que é junto com a natureza, quem sabe não desperta nas pessoas o cuidado maior com esse papel.

Entrevistada(o) 3: - O papel seria trabalhar essas áreas que eu comentei, e talvez identificar qual seria nesse momento que a gente está passando, que precisaria de maior importância e prioridade, pra poder tá contribuindo com a cidadania, fazendo exercer a cidadania.

Promover iniciativas que poderão ser replicadas em outros lugares, despertar nas pessoas o interesse de se desenvolverem sempre mais, cuidar da comunidade, e viverem por propósitos cada vez maiores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma associação reage ao interesse do coletivo que interage, por meio de um duto onde passam interesses e vontades em séries correspondentes, que dialogam e também divergem. Desse duto são extraídos produtos como o estatuto e o regimento interno, conjunto de documentos que servem como matéria-prima manejada para fortalecer o objeto da entidade, associação coletiva, em detrimento dos interesses individuais que podem ser reconstruídos em prol da coletividade.

Não resta dúvidas quanto à capacidade do esporte em geral, de surgir como força motriz que agrega as pessoas e uma comunidade inteira para combinar exigências pessoais, em outras palavras, há veracidade no dizer que a pauta esportiva detém de potencial político-organizativo com força similar ao que vemos numa entidade que se situa em torno de direitos políticos e econômicos.

A Surfssa emergiu para preencher um espaço deixado em branco, nesse viés, enquanto este trabalho estava sendo concluído conseguimos tirar do papel, em conjunto com uma nova federação do estado da Bahia e outros apoiadores, a realização de eventos⁴

⁴ Entre os dias 28/10/2022 e 28/11/2022 foram realizadas em nove dias competições de surf treino, com premiação total acima de dez mil reais, sendo quatro etapas classificatórias para uma final entre os cinco profissionais melhores colocados no ranking das quatro, e mais três dias que foram dedicados para crianças e adolescentes, e para surfistas mais experientes acima de trinta e cinco anos (master), de quarenta anos

profissionais, das categorias de base e para idades mais avançadas. Tal feito, voltou a movimentar o cenário de competições do surfe, retirou a associação do trabalho de bastidores, e já ficou conhecido como um ato de ressurgência.

Enquanto entidade comprometida com o processo de construção da cidadania, ainda há muito o que ser feito, as competições se colocam como ações de ocupação da lacuna e de gatilho para outros projetos maiores. O fundamental é que a entidade esteja condicionada a seguir no caminho dos princípios de sua fundação, madura o suficiente para superar os desafios já impostos, e preparada para acolher e se sobrepôr aos que vierem pela frente.

E, por último, vale destacar que ainda na introdução indiquei que havia um “certo tom audacioso, faço valer a necessidade de articular a relação acessível da pluralidade de organizações e estruturas filosóficas com impressões do mundo contemporâneo onde estão Serviço Social e a Surfssa”, penso que esta audácia passa por vários aspectos, dos quais indico alguns.

O primeiro foi a aproximação entre Serviço Social e Surfe, a relação da profissão com os esportes não é algo muito presente em nossos estudos, mesmo quando considero a existência de políticas para o esporte, cultura e lazer e considerar estas como direitos de cidadania.

Segundo a maneira que optei por esta abordagem, não foi uma experiência de atuação profissional propriamente dita, e nem fruto de um projeto profissional, mas, foi possível, a partir da reconstrução de minha trajetória na formação profissional, ainda na graduação, onde a participação política e organização foram sendo assimiladas ao longo de uma importante e difícil caminhada.

Terceiro, foi desta formação em serviço social e de sua experiência enquanto estudante, acrescida de momentos de lazer no surfe que saíram os elementos político-organizativos para construção de uma associação de surfistas. Motivo pelo qual resolvi reconstruir essa trajetória, enquanto sistematização de um processo difícil de estudo, crescimento, aprendizagem, experiências, participação, enfim, de construção de cidadania.

Aqui, destaco um último aspecto deste trabalho de conclusão de curso, o que procurei demonstrar é que a construção da cidadania é luta coletiva, mas, que somente foi possível, na medida em que foi sendo construída individualmente, reconstruindo as

(grand master), de quarenta e cinco (kahuna), de cinquenta e cinco (grand kahuna), de sessenta (legends) e de sessenta e cinco (super legends). Contando com o total de mais de cem pessoas inscritas em todos os eventos.

barreiras do individualismo, enfrentando a realidade das condições de vida e encontrando caminhos de aproximação e convívio que se fortalecem em torno de um objeto comum, no caso o surfe.

Assim, se o serviço social tem uma perspectiva de transformação, porque o surfe não pode ser um instrumento importante desta, ao colocar-se no campo das lutas sociais? Aqui, neste estudo, pesquisa e relato de experiência, posso afirmar que “**Serviço Social e Surfe: um estudo sobre a construção da cidadania**”, é um caminho possível!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 ago. 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 24ª ed., 2001.

CAVALCANTI, Clóvis (org.). **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. Recife: Inpso-Fundaj, Instituto de Pesquisas Sociais-Fundação Joaquim Nabuco, 1994. 262 p.

CECHIN, A. D. **Georgescu-Roegen e o Desenvolvimento Sustentável: Diálogo ou Anátema?**. 208 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, 2008.

CECHIN, Andrei Domingues e VEIGA, José Eli da. A economia **ecológica e evolucionária de Georgescu-Roegen**. *Brazilian Journal of Political Economy* [online]. 2010, v. 30, n. 3 [Acessado 07 Dezembro 2022], pp. 438-454. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-31572010000300005>>. Epub 06 Dez 2010. ISSN 1809-4538. <https://doi.org/10.1590/S0101-31572010000300005>.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; BALDI, Luiz Agostinho de Paula. **Serviço Social, mobilização e organização popular: uma sistematização do debate contemporâneo**. *Revista Katálysis*, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 193-202, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-49802012000200005>.

FERREIRA, Silvio Pinto. **Desenvolvimento Sustentável: cultura e cidadania**. *Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, ISSN-e 2175-5841, Vol. 8, Nº. 17, 201, págs. 178-186

GANANÇA, Alexandre Ciconello. **Associativismo no Brasil: características e limites para a construção de uma nova institucionalidade democrática e participativa**. 2006. Dissertação (MESTRE EM CIÊNCIA POLÍTICA) - Universidade de Brasília, [S. l.], 2006. Disponível em:

https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6650/1/2006_Alexandre%20Ciconello%20Ganan%C3%A7a.pdf. Acesso em: 17 dez. 2021.

GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas (1971). **The entropy law and the economic process**. Cambridge, Harvard University Press.

GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

NETTO, Vinicius M; MEIRELLES, João e RIBEIRO, Fabiano L. **Cidade e interação: o papel do espaço urbano na organização social**. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana [online]. 2018, v. 10, n. 2 [Acessado 18 Setembro 2022] , pp. 249-267. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-3369.010.002.AO06>>. Epub 26 Feb 2018. ISSN 2175-3369. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.010.002.AO06>.

PAES, José Eduardo Sabo. **Fundações, Associações e Entidades de Interesse Social**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2019.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi. Org. **História da Cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso (org.); PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro (org.); SZAPIRO, Ana Maria (org.). **Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: modo de ser e habitar das cidades**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2016.

SANTOS, Fabrício Rios Nascimento. **Como Anda a Pobreza na Bahia? O século XXI visto de perto**. Rde - Revista de Desenvolvimento Econômico, [S.L.], v. 1, n. 39, p. 233, abr. 2016. Revista de Desenvolvimento Economico. <http://dx.doi.org/10.21452/rde.v1i33.3755>.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA CENTRO SOCIOECONÔMICO DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

Formulário 1

1. Você poderia por favor falar um pouco sobre como se deu o seu processo de envolvimento pessoal com a Surfssa?
2. Como soube da proposta inicial de criação da entidade?
3. Por que resolveu participar?
4. O que pensa sobre a associação quanto a sua função?
5. O que pensa sobre a associação quanto ao seu objetivo?
6. O que a Surfssa deve fazer?
7. Por que ela é importante?
8. O que pensa sobre a associação quanto ao seu papel político?
9. O que pensa sobre o surfe?
10. O que pensa sobre o papel social do surfe?
11. Quais as suas expectativas pessoais a partir da fundação?
12. Você tem ou já teve outras experiências de organização política?
13. O que sabe sobre a temática cidadania?
14. O que ela é para você?
15. Qual é o papel da associação nesse sentido da cidadania?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-la(o) a participar da pesquisa intitulada **“O Surfe como Mecanismo de Promoção à Cidadania”**. A presente pesquisa está associada ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Este trabalho pretende analisar a partir da experiência das pessoas que participaram da fundação da Associação de Surfistxs de Salvador (Surfssa), os interesses pessoais, padrões coletivos e elementos da cidadania que influenciaram no processo de construção da entidade. Para isso, durante a fase de campo da pesquisa, você será entrevistada(o) uma vez, de forma individual e reservada, para conversarmos sobre sua experiência enquanto associado fundador.

O pesquisador realizará a condução da entrevista visando preservar sua integridade. Durante o procedimento de coleta você estará livre para solicitar esclarecimentos do pesquisador, a qualquer momento, sanando dúvidas sobre o projeto. Além disso, você poderá deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Caso opte por deixar de participar da pesquisa você não terá qualquer prejuízo.

Solicitamos o seu consentimento para a gravação da entrevista por meio de gravador digital. O uso deste servirá para um maior resgate do conteúdo das falas para a posterior análise, através da transcrição a ser realizada.

Deixamos explicitado que a interrupção da gravação é permitida a qualquer momento da entrevista, caso sintá-se desconfortável ou desista da gravação. O pesquisador estabelece o compromisso de garantir acesso ao conteúdo das transcrições das entrevistas uma vez que estejam prontas; e o sigilo quanto à identificação em qualquer forma de divulgação dos resultados da pesquisa.

Ressaltamos que os pesquisadores serão os únicos a ter acesso às informações das entrevistas e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo, todavia sempre existe a possibilidade, mesmo que remota, da quebra do sigilo involuntário e/ou não intencional, cujas consequências serão tratadas nos termos da lei.

Informamos também que os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros e/ou publicados em revistas científicas, entretanto mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade.

A sua participação nesta pesquisa é de suma importância para que o campo científico, a sociedade em geral, o estado e seus servidores tenham a possibilidade de acessar narrativas que relatem como se deu o processo de construção da associação.

Informamos que a legislação brasileira não permite que você tenha qualquer compensação financeira pela sua participação em pesquisa. Ressaltamos que você não terá nenhuma despesa advinda da sua participação na pesquisa, mas, em caso de despesas com transporte e/ou alimentação, decorrentes da participação da pesquisa, você será ressarcido integralmente pelos pesquisadores. Caso você tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada.

Em caso de necessidade, a qualquer momento que julgar necessário, você poderá contatar o orientador da pesquisa, Prof^o. Helder Boska de Moraes Sarmiento, através do telefone de número +55 (48) 48 99935-3033, pelo e-mail: hboska@yahoo.com.br, ou ainda presencialmente na Sala 13 do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, no Centro Socioeconômico localizado na R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n - Trindade, Florianópolis - SC, 88040-900.

O pesquisador responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa.

Duas vias deste documento, que possui duas páginas estão sendo rubricadas e assinadas por você e pelo pesquisador responsável, lembre-se de guardar cuidadosamente a sua via, pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa.

Eu,

_____, RG _____, li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade de participar da pesquisa.

Salvador, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante

Assinatura do pesquisador responsável (Prof^o Helder Boska de Moraes Sarmiento)

RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

Você poderia por favor falar um pouco sobre como se deu o seu processo de envolvimento pessoal com a Surfssa?

Entrevistada(o) 1: - É, meu envolvimento pessoal foi pela força maior que era a necessidade de fundar uma associação de surfe em Salvador, inclusive já existia uma que está com o CNPJ inapto, ao invés de pegar a associação deles, resolvemos fundar uma associação nossa. A gente reuniu um grupo de pessoas envolvidas com o surfe no município, e nos unimos com pessoas que não faziam parte desse mundo mas tinham interesse de trabalhar com o surfe, entendendo que o surfe é uma ferramenta de inclusão social.

Entrevistada(o) 2: - Eu já surfo há muitos anos, além de adepto sou incentivador, já fiz alguns eventos e tudo, pela amizade que eu tenho e envolvimento com o pessoal há bastante tempo, eu cheguei até a página do instagram, que é controlada pelo mentor dessa associação, que é uma pessoa que pra mim já tinha se provado, “...ao realizar...” campeonatos que eu tinha corrido e tudo, que tinha profissionalismo e tinha um trabalho sério que ele desenvolvia que era confiável e bem distinto mesmo, então eu apoiei de imediato quando vi, tava carente aqui na cidade o surfe de modo geral se voltou muito pro exterior e aqui no nosso país as coisas estão mais fechadas, difíceis, o esporte daqui merece e sempre mereceu, então de pronto eu me associei.

Entrevistada(o) 3: - Foi através de uma amiga que tem uma escola de surfee ela falou que estava tendo esse movimento e perguntou se eu não queria entrar para representar as mulheres, além dela eu vi que tinha outra pessoa que eu conhecia então eu me envolvi.

Com essas respostas, podemos identificar dois fatores que levaram essas pessoas a se envolverem com o projeto coletivo, o primeiro é o vínculo de confiança e respeito por uma pessoa em específico, devido ao seu notório conhecimento acerca do surf, e o histórico de sucesso que ela teve em outras ocasiões. O segundo fator aponta para a “carência” ou “necessidade” de se montar uma figura comunitária, no caso, uma associação, para cuidar dos interesses do surf, e do que envolve a cadeia e o ciclo desse esporte dentro do município de Salvador. Entre outras peças, surge nesse momento o traço agregador do esporte,

demonstrando que ele realmente detém a capacidade de unir diferentes setores e demandas da sociedade. Um ponto muito importante está pautado quando a entrevistada número três coloca que a sua intenção é fazer valer os interesses femininos dentro do globo da associação.

Como soube da proposta inicial de criação da entidade?

Entrevistada(o) 1: - A gente soube... Na verdade, a ideia nasce de um grupo que se juntou. Tentamos conversar com o pessoal da outra associação mas não houve diálogo, aquela associação funcionou num outro momento, e agora estamos em outro momento.

Entrevistada(o) 2: - Foi a publicação numa dessas páginas de rede social sobre a união de surfeda Bahia e outras também, como eu já tinha desenvolvido um trabalho sozinho e visto que não tinha como levar adiante sozinho, aí eu procurei de imediato me associar, não queria ficar de fora vendo o que estava acontecendo com os dirigentes que estavam monopolizando, manipulando o destino do esporte, voltando para um grupo privilegiado, isso não pode acontecer, tem que ser voltado para o atleta, para o público não para o interesse próprio para se obter vantagens.

Entrevistada(o) 3: - Foi justamente isso, foi por essa amiga que me convidou.

As respostas dadas para esta pergunta nos induz a entender que o potencial do surfe estava sendo negligenciado ou mal aproveitado por pessoas movidas por valores individualistas, que por outro lado, existiam pessoas incomodadas com essa situação mas elas estavam dispersas, para unir essa gente interessada em dar um salto na história do surfeno município, as tecnologias da informação e comunicação, através das redes sociais, foram bastante eficazes. Outro fator que surge nesse tópico, é que não somente de uma demanda específica se unem as pessoas em torno de uma associação, a resposta da(o) entrevistada(o) três vem para demonstrar que laços de amizade e de afeto podem ser geradores de coletivização para objetivos ampliados ao rumo da sociedade, da civilização e da humanidade.

Por que resolveu participar?

Entrevistada(o) 1: - Porque eu posso contribuir com o meu histórico de surf, tenho 55 anos e comecei a surfar com 14/15 anos. Então tenho uma longa

história de conhecimento com as pessoas e o mundo das competições, esse período serviu para adquirir experiências. A gente percebe que quando chega certa idade a gente precisa escrever uma história para que as pessoas que venham a se inserir no futuro saibam que existe uma história por trás daquilo onde ela está chegando. Uma associação que tem um enredo de pessoas que passaram vários anos distante e que resolveram se unir para fundar.

Entrevistada(o) 2: - Tenho o propósito de deixar um legado, meu avô inclusive foi sócio fundador do Esporte Clube Bahia, já vimos resultados bons que por isso foi ocasionado, é como se fosse entrar para a história, esse legado que ele deixou, me sensibiliza muito, eu me vejo assim já entrando para essa história de fazer um trabalho longínquo e de porte bem afortunado.

Entrevistada(o) 3: - Pra representar as mulheres, e também porque eu acho que o surfe consegue fazer uma grande contribuição (social com as crianças e educação ambiental com os surfistas) para a comunidade.

As respostas que vimos acima, apresentam uma contradição, já que alcançar resultados a favor de um contexto coletivo é tido como algo que preenche necessidades individuais, por isso, vimos nas respostas que explicaram o por que de cada um(a), valores superiores como, deixar um legado, colocar o nome na história e contribuir para o melhor desenvolvimento da comunidade. O que há em comum é também uma preocupação com as futuras gerações.

O que pensa sobre a associação quanto a sua função?

Entrevistada(o) 1: - Na verdade assim, eu vejo de uma forma que, possa ser. Que a função de uma associação, ela tem que agregar o máximo de pessoas que participem das ações da associação, que seja um sócio participativo, não é aquele sócio que fale apenas "sou sócio" não. Sócio e poder ter a demanda dele e não da diretoria, a diretoria é uma simples composição para fazer aquele mecanismo girar, ou aquela roda girar, mas quem é uma mola propulsora são os sócios, associando mais pessoas a gente consegue formar um sistema, tem sistema piramidal que é uma pirâmide que tem presidente diretor aquela coisa, tem o sistema que funciona como uma roda, que é o colegiado que a gente estamos trabalhando como colegiado, com dois diretores em cada coordenação.

Entrevistada(o) 2: - Eu me inscrevi como conselheiro para ter uma função que possa desenvolver outras atividades, de passar conhecimento também se for o caso porque o conselheiro tem que aprovar o balanço, demonstrativo, a prestação de contas da associação. A função é ocupar esse espaço que tem aí, que pode preencher não só a quem tem simpatia pelo esporte, é toda uma gama de outras atividades de ocupação, esporte é saúde, é fazer uma sociedade mais evoluída também, que interaja mais e o que o se foi feito, o trabalho dos pioneiros como eu no caso, hoje em dia você vê que o sucesso é bem mais fácil, todo mundo tem câmera, acesso rápido pode ver até online, então eu vejo que muita coisa se perdeu no passado mas chegou até aqui e agora tem que ser melhorado, não só aproveitado aquela bagagem toda "de brilhantismo", agora que descobriram que a Bahia pertence ao hall das ondas gigantes, a bancada de Santo Antônio veio para comprovar isso, e é muito bonito de se ver também o pessoal, todo mundo gosta de ir para a praia, então se der para a praia ter um prazer maior ainda porque não, é questão de acompanhar essa evolução aí, do tipo moderno mesmo.

Entrevistada(o) 3: - Como está no início, eu acho que se realmente seguir, teria uma grande contribuição na parte da comunidade com as crianças e da parte ambiental de proteção das praias, seria uma grande contribuição.

De acordo com esse conjunto de respostas, constatamos que a principal função da Surfssa é agregar pessoas para ocupar um espaço que está aberto, no caso a gestão do surf, inovando na forma como se estrutura o corpo diretivo, articulando e conectando recursos, tecnologias, infraestruturas e informações, contribuindo com a democratização do espaço urbano, a educação básica e a conservação do meio ambiente.

O que pensa sobre a associação quanto ao seu objetivo?

Entrevistada(o) 1: - Eu penso que ela tem que principalmente fortalecer e dar uma repaginada no surfe de Salvador juntamente a garotada, efetuar e fazer campeonato, competições para poder ter uma forma de evolução dos atletas e fazer os eventos sempre que agregue a questão social, para que a gente possa trabalhar num evento, trabalhar com limpeza de praia, trabalhar com aula de primeiros socorros, e outros eventos para agregar com o meio ambiente, essa questão assim no evento que não tem mais um certo poder

para participar e inserir as pessoas, porque a pessoa para se sentir inserida e ela participar mais, e aí que a gente pega a pessoa começa a dizer qual é o nosso objetivo que é esse mesmo, chamar mais gente, inserir.

Entrevistada(o) 2: - É difundir o surfe de forma organizada, é claro que eu como sou praticante e tenho fábrica de prancha e oficina, trabalho há muito tempo, já trabalhei também como representante com comercialização para marca de acessórios, acho que tudo isso aí faz com que esse mercado cresça e eu lógico tô inserido nele também, é unir o útil ao agradável, não é uma coisa a deixar de se dizer. Tem outros esportes também que podem aproveitar dessa infra estrutura também e se organizarem, aí você vê, fazer jus a todo esse interesse que o país tem de ver o esporte crescer, nós vimos campeões olímpicos agora, então tem um espaço para trabalhar nisso, a questão das verbas que são destinadas, a gente está vigiando para que essas verbas tragam um resultado mais efetivo, mais abrangente do que tá sendo imposto aí de forma discriminada, então vamos fazer uma casa e a partir daí fazer uma coisa, fazer o esporte, o entretenimento o lazer, também, tudo que possa trazer prestígio ao povo, que desenvolva o turismo, quantos benefícios podem ter, inclusive com o turismo, tantas coisas, é um mercado interessante, muito bom para desenvolver a prática do esporte, surfwear tá em tudo aí. Tem a simpatia e ainda tem a qualidade, testes para colocar na água salgada, isso tudo.

Entrevistada(o) 3: - Sempre deve ter esse envolvimento, das várias áreas, tanto do esporte, quanto da área social e da ambiental, tem isso, no objetivo, eu acho que no esporte tanto melhorar um pouquinho como o esporte é visto, como está sendo essa questão de desvalorização do atleta, você vê que pouquíssimo atletas conseguem apoio ou patrocínio pra poder estar nas competições, do que as questões das marcas, lojas, acho que se focar mais no atleta, no desenvolvimento do surfe através do atleta.

No tocante ao assunto, aparece mais uma vez a carência de uma cadeia ordenada de ações voltadas ao surf, na visão das pessoas entrevistadas, corroborando com a perspectiva de que a Surfssa surge para incentivar a melhoria do esporte a nível de alto rendimento, e também, contribuir com a justiça social introduzindo mais pessoas na expandindo o acesso perspectiva do esporte como ocupação do tempo livre e de lazer,

contribuindo com o melhor controle da verba pública destinada ao esporte, estimulando o turismo, prezando pela melhor experiência dos fãs e adeptos, aproveitando o potencial de mercado do ponto de vista laboral e comercial.

O que a Surfssa deve fazer?

Entrevistada(o) 1: - Eu acho que a Surfssa ela deve trabalhar de uma forma que olhe mais pro pessoal que não tem condições, porque você fazendo dessa forma você vai fazer valer o registro que elas que o instituto social rege, o objetivo é agregar pessoas mais, fazer dessas pessoas um movimento social um mecanismos que a gente possa agregar mais, além do surfe como já falou de competição essas coisas que tem que ter mais, além dessas coisas a gente tem que fazer um projeto de agregação de inserir, porque inserir essa questão classe social não é só o pobre, é inserir o pobre com rico, os dois conviverem no mar, todos juntos, não tem aquela parede que separa, essa é a questão social, não é só da prancha, isso aí é a questão que é bem mais material trabalhar mais com a parte humana, que é aquele garoto que pode ficar, que é aquele garoto também ficava com medo do menino da favela, os dois juntos surfando e interagindo é o mais importante sobre a questão social, a gente pode ter outro mecanismos também, mas a questão da parte humana mesmo.

Entrevistada(o) 2: - Por em prática tudo isso aí, porque o modo que muitas pessoas veem um esporte arriscado, vê uma coisa assim largada e mal vista, o povo tem que perceber que não é um foco distorcido que vai prevalecer diante de um êxito maior, no caso, por exemplo, o surfista tem condições de praticar um salvamento, de repente você tem medo de entrar no mar mas se tem uma pessoa do seu lado que sabe vencer as ondas, que sabe resgatar uma pessoa do nada e oferecer uma prancha, já pagou até uma prancha quanto mais uma vida que pode ser salva, não pode ser só o cara se atirar e ficar aí sem fazer nada da vida, ficar ocioso, tem tanta coisa pra fazer aí, que agora tem até profissionalismo, patrocínio, na minha época era todo mundo pioneiro amador não tinha nem elastic, hoje já vem até surfista profissional já ganha até... tem uns que não precisa nem competir, vai surfar onda grande, vai fazer aventura, isso é legal, isso é muito bom...

Entrevistada(o) 3: - O objetivo, se conseguir alcançar o objetivo, trabalhar principalmente a parte social, ambiental e do esporte.

Aqui é perceptível a ideia de que a Surfssa deve prezar pelo cuidado com as pessoas de baixa renda, sendo aliada na luta contra o preconceito por motivo de renda e de

estigmatização que o surfista sofre, também, pela ruptura de atitudes contrárias à igualdade entre as pessoas.

Por que ela é importante?

Entrevistada(o) 1: - Porque é importante na verdade primeiramente pra você trabalhar hoje você precisa de um registro jurídico pra você se comunicar com as autoridades competentes, pra você né, se você for fazer um evento na praia hoje com a pessoa física é mais difícil você conseguir liberação, a pessoa jurídica você tem mais força, e você em associação tem mais força ainda, autoridade já pessoas competentes, prefeituras, estado, bom o que seja, ele olha a gente mais sério, você chega lá e diz só que é você, ele já entendeu, mas quando você fala que é uma associação registrada com CNPJ, com toda sua legalidade, aí ele tem obrigação de olhar pra você com mais respeito.

Entrevistada(o) 2: - Por que é organização, vai organizar o esporte, vai fazer com que a coisa seja levada a sério, na hierarquia do esporte, das competições, não só das competições, como também do staff, tem que ter quem meta a mão, tem pessoas que investem que podem desenvolver e contribuir para uma melhor qualidade de vida, de segurança de prática também. Pode gerar emprego e atividade remunerada para as pessoas.

Entrevistada(o) 3: - Por que, eu acho que é um pouco para ajudar a alcançar os direitos das pessoas, é uma forma de ter alcance maior sobre o tema para as pessoas, e talvez fazer com que ocorra uma mudança social.

As principais ideias com relação a esse ponto são, transmitir seriedade e segurança jurídica para as pessoas, as empresas e o poder público, aglomerar pessoas e aumentar os níveis de impacto, força, poder e influência no cenário político econômico, prezar pela defesa dos direitos das pessoas e contribuir com a transformação social.

O que pensa sobre a associação quanto ao seu papel político?

Entrevistada(o) 1: - Rapaz é o seguinte, tudo é política, a partir do princípio que a política é a palavra que o pessoal tem medo de falar, ou tem medo de imaginar, aí já sai por causa da visão que tem dessa política virtual, fora do Brasil, mas tudo é política, eu vejo que a gente pode se tornar uma força política, pra exigir nossos objetivos, nossos o que a gente pensa como associação, porque na verdade existe uma lacuna né no surfe de Salvador justamente isso porque não tem uma associação

que trabalhe sobre isso e a gente politicamente pode se organizar e independente de partido, porque isso aí não é partido, porque a gente pode alavancar muitas coisas para construir nosso projeto, principalmente nossos projetos sociais.

Entrevistada(o) 2: - Essa parte das verbas, dos órgãos, das instituições também que tem seus dirigentes, então acho que é, creio que é seguindo um alinhamento do que as normas exigem para serem candidatos, por exemplo, tem uma liga mundial que tem o direito ao voto para um dirigente, é isso que vai se construindo.

Entrevistada(o) 3: - Eu acho que qualquer grupo e associação que está trabalhando para o bem é importante.

A consciência de que a Surfssa é uma organização política diferente das partidárias, que pode inclusive ser um espaço de interlocução entre estas. Vimos também a noção de política participativa, tanto nas instituições estatais quanto nas instâncias que envolvem o esporte a nível mundial. Ficou implícita a ideia de que a Surfssa tem o compromisso com as pautas que fazem parte da sua zona de atuação, como, educação, esporte, lazer, meio ambiente, mobilidade e ocupação urbana.

O que pensa sobre o surf?

Entrevistada(o) 1: - O surfe a gente sabe que é dos primórdios. Tem uma história do surfe quando ele nasceu que a pensou tem que ter coragem. Não dá para querer ser meeiro, o surfe é da polinésia havaí. As tribos competiam em canoas, quem surfasse a maior onda era a tribo campeã. Na ilha tinham várias tribos e para definir quem tinha o poder a regra era pela competição do surf. Na ilha de páscoa também teve, a tribo que ganhava era que entrasse no mar. Adentrou do mar e remou, já está surfando. Eu vejo como algo de desenvolvimento pessoal e de superação do próprio limite, como terapia, para a gente que dá aula, tem aluno que não quer nem surfar, só quer ficar no mar remando e deitado na prancha porque já está no limite dele. O surfe tem a situação de 50 por cento de perigo e 50 por cento de diversão. Em meio liquido tudo fica mais perigoso.

Entrevistada(o) 2: - O surfe é pra mim uma opção de vida que eu me encontrei bastante nela, faz parte da minha vida, me fez ser quem eu sou, me fez ter bravura e saúde também, que o importante é ter saúde, não é só a parte física também tem a parte mental, você vê que muita gente fala que quando pega onda fica melhor, realmente o surfista parece que transcende quando pega um tubo ou pega uma onda em contato com a natureza, é a melhor coisa que tem, realmente você lava a alma,

você vê que é todo um costume, um modo de vestir que eu me identifico demais, as vezes me sinto precursor de tudo isso aí, por partes, acho que tenho água salgada no sangue na taxa de uns 30% no mínimo.

Entrevistada(o) 3: - É vida. É esporte, é saúde física e mental, é brincadeira e conexão com a natureza, estar entre amigos também.

Chama atenção a noção de identificação cultural, interação com a natureza e outras pessoas, de motivação para cuidados com o corpo, a mente, e todo o estado de espírito para se desenvolver como pessoa diante da dificuldade.

O que pensa sobre o papel social do surf?

Entrevistada(o) 1: - O surfe já é social, porque você está ali no mar não é bom ficar sozinho, é bom chamar um colega para surfar porque um protege o outro então já está socializando ali. O surfe a gente pode levar consciência de que hoje não é porque o cara é forte que vai se sobrepôr, ele pode socializar com alguém que não sabe surfar, em defesa do meio ambiente, a prancha é uma propaganda social, porque ela é um outdoor, você pode colocar um adesivo que você possa falar uma linguagem social e multiplicar isso, "em defesa do meio ambiente" vamos supor, se tiver vários adesivos, já é uma coisa, então um dia um cara vê e depois outra, já é um marketing como se fosse uma camisa. Ele engloba várias coisas, desde a construção da prancha a pessoa que faz uma fábrica a casa dele tem que se afastar de muitas casas por causa do odor da resina, isso já está socializando, você não vai fazer uma oficina ao redor de várias casas porque ali as pessoas estão sentindo o cheiro, e é preciso de EPI. Desde a construção até chegar na água, o garoto vê muito o surfe com a prancha da água. O surfe tem a questão da espiritualidade, você vai entrar na água, tem que fazer uma oração com alguém, muita gente acha que é só a questão do candomblé e de iemanjá, o mar é um ser vivo, você tem que socializar com ele logo ali na entrada, pedir licença porque quem faz isso costuma se sobressair, quando a pessoa é arrogante o mar dá uma resposta dizendo a ele que tem que ter calma.

Entrevistada(o) 2: - É uma escola, eu tenho amigos que da época um entrava no mar o outro saía, dava pra ver quem era quem quando o mar subia, e aí voltava a prancha saía pra entrar de novo. Criou ali uma tribo, uma família que é só alegria, tem a saúde e tem alegria, quando tem união as coisas se desenvolvem, tem a união pra ver quem pegar melhor, é divertido até, cria muitos laços de pessoas que se

identificam uns com os outros, as vezes tem muita rivalidade quando tem uma espuminha, tem muito tirado a... em todo lugar tem, graças a Deus a onda ainda é de graça, é um lazer que é do povão e do proletariado e esse negócio de botar a praia particular e privada não tá com nada, onda pra todo mundo, surfe e saúde, vida sol, é uma vida pródiga, quem vive o bem sorri, tá de bem com a vida, quem faz o que gosta, agora não é mais nenhuma novidade, quando surgiu era tudo por amor, hoje em dia também tá muito pelo dinheiro, aí é que tem que ser cuidado para não estragar o espírito de aloha, tem aquela coisa de Havaí e de Califórnia cabelo ao vento.

Entrevistada(o) 3: - Seria essa mudança, principalmente com as crianças, e também essa mudança com relação ao esporte, tá apoiando atletas para alcançarem esse objetivo, ajudando a alcançarem o objetivo deles. E acho que as comunidades, a criança, tanto como lazer como outra opção de carreira e estilo de vida.

Consideramos, que neste tópico a noção de papel social ocorre nos eixos de relacionamento interpessoal no sentido de união e de promoção de uma identidade cultural, de propagação de valores e ideologias, de ocupação do espaço público, no caso a praia, de aproveitamento dos recursos naturais como as ondas, de aprendizado uma nova habilidade, de trabalho e renda..

Quais as suas expectativas pessoais a partir da fundação?

Entrevistada(o) 1: - É o que eu faço com a minha associação, eu fui eleito presidente por aclamação na associação de surfe de itapuã, eu penso que a gente pode se juntar para multiplicar o trabalho social porque a gente trabalha somente com isso, os nossos eventos são voltados para o social, o último que a gente fez foi o itapuã social surf, que a gente distribuiu 36 pranchas e equipamentos, que é meio difícil ter uma quilha, elastic, por mais que seja barato pode ser caro para algumas pessoas, tem gente que com 10 reais faz um estrago na padaria, já tem gente que com 10 reais toma uma heineken, mas é normal todo mundo vivendo feliz. A gente tem essa visão social, a gente vai realizar agora o segundo encontro do surfista veterano de itapuã, vamos fazer um café da manhã, minicurso de primeiros socorros, o surfista é um potencial salva vidas. Você pode passar uma situação com amigo ou familiar que seja preciso usar a técnica de salvamento. A minha expectativa é que daqui a cinco anos ela produza surfistas competidores para representar o município, o estado e o país. Outra expectativa é que a Surfssa tenha ligação com os bairros

para que os bairros sejam a mola propulsora da associação, tem que ter os bairros para agregar os municípios. Que os bairros façam suas competições próprias para revelar mais atletas e talentos, porque a associação em nível local pode chegar mais rápido nessa pessoa.

Entrevistada(o) 2: - Acho que vai desenvolver o surfe e vai organizar acho que com certeza deve difundir mais, deve ter um maior alcance, maior simpatia, aí tá na cara que o retorno também pra quem pega e está no meio é evidente, sem falar no prazer de ver e contribuir pra chegar onde tá, aí o pessoal até esquece, quem tá lá hoje vivendo um sonho, fazia a gente comprar revista, fazia a gente tá torcendo pelos tupiniquim, hoje tá aí no domínio brasileiro, eu to vendo que as meninas estão vindo com tudo, tem um projeto que já foi idealizado já, passou de um sonho para uma perspectiva maior de projeto, e aí quem dormir no pódio fica pra trás.

Entrevistada(o) 3: - Eu sou oceanógrafa, espero contribuir com a parte ambiental e gosto muito de fazer trabalhos voluntários, espero conseguir alcançar as crianças, tanto com o surfe quanto com a parte ambiental, e também com a parte inclusiva, acho que alcançando isso está ótimo.

Nesse trecho, encontramos nas respostas a esperança de formar parceria entre a Surfssa e outra entidade que a pessoa está vinculada de modo a espalhar o modelo de trabalho ali empregado para outras regiões da cidade. Há também a intenção de preparar atletas para que cheguem na parte alta do ranking mundial. Outro ponto que apareceu está ligado ao retorno financeiro para quem trabalha com o setor. É possível verificar como expectativa pessoal, o sentimento de trabalho realizado quando no futuro, a Surfssa estiver consolidada e reconhecida pelo seu histórico. Assim, inferimos que todas as pessoas entrevistadas pensam num projeto de compromisso social maior, que transmita conhecimento para no futuro enxergar que as sementes plantadas no passado estão dando frutos.

Você tem ou já teve outras experiências de organização política?

Entrevistada(o) 1: - Minha vida toda foi envolvido com associativismo, conselho. Eu criei o primeiro grupo com CNPJ de Itapuã em 1999, era massa, trabalhava sempre com criança, hoje temos meninos netos dos que estavam envolvidos no projeto que ainda está viva, fundei a agenda 21 em Itapuã, que preparou uma proposta para o século XXI, agir local e pensar global. Fundamos um conselho gestor da água da Abaeté, APA, trabalhei com muitas associações, já fui delegado

do meio ambiente quando tinham as conferências, lá conhecíamos pessoas de outros municípios e estados. Sempre continuei trabalhando com várias associações, hoje estou liderando a associação de surfe de Itapuã, estamos fundando associação dos salva vidas do estado da Bahia, e agora estamos juntos na Surfssa.

Entrevistada(o) 2: - Qualquer organização acho que no fundo é política. Eu tentei fundar, eu fiz o eventos, uma associação, quando eu corria e estava vinculado a associação disputava o circuito baiano, fui correndo até o amador. E depois passei para o master, gran master, e agora estou pensando seriamente se conseguir recuperar meu fôlego, voltar para o veterano, pro cahuna, alguma coisa assim porque parece que quanto mais a gente se interessa melhora a nossa longevidade também. Nunca participei de partido ou qualquer entidade, já participei de assembleia quando fui sindicalizado, também participei de algumas greves, na época era no âmbito dos eletricitários, eu trabalhava na Coelba. Acho que a fábrica de prancha hoje em dia é uma política, tem tantos outros aí, que quer copiar a marca, abafar o outro, essas concorrências que estão mal direcionadas e aí fica mais difícil, mas tomada que todo mundo consiga se firmar, tem espaço para todo mundo. Que ninguém precise mais enganar ninguém, se passar pelo outro. Apagar a memória do outro pra poder prevalecer a sua, acho que é como um todo, tem que ser como um todo, pra todo mundo.

Entrevistada(o) 3: - Como voluntária. Sou voluntária numa associação que também trabalha com surf, mas assim, engajada e na frente das coisas não.

Todas as pessoas entrevistadas tiveram envolvimento com algum tipo de projeto de organização política, principalmente da sociedade civil organizada, apenas uma pessoa respondeu que foi membro de sindicato. A questão da intensidade de engajamento é um fator que varia bastante, desde aquela pessoa que sempre esteve como liderança em alguma atividade, até aquela que participa sem se envolver muito, correspondendo com algumas tarefas específicas da organização à qual participou. Para essas pessoas, atuar junto com partidos políticos e eventos eleitorais esteve distante das suas rotinas, o que indica isso é que a maioria delas sequer mencionou isso, e a que falou sobre o assunto, declarou nunca ter participado.

O que sabe sobre a temática cidadania?

Entrevistada(o) 1: - Eu não sei se conheço cientificamente na palavra escrita mas quando se fala em cidadania, se fala em ser leal, como falei a você, meio ambiente engloba tudo, todos somos partes do meio, cidadania é ter respeito um com o outro, é dividir até bens, não no sentido do dinheiro, é você entender que a gente está surfando, temos equipamento e afins, mas tem gente que não tem, então você pode ajudar aquela pessoa sentir o mesmo prazer que você sente, isso é cidadania dentro do surf. Amar o próximo, a gente está exercendo a cidadania na SurfSSA porque estamos em família, uma família jurídica que acredita no coletivo.

Entrevistada(o) 2: - Cidadão é aquele que sabe onde começa o dever dele e acaba o direito. Tem que saber os direitos e tem que ver também a parte do semelhante do cidadão que é como diziam o coletivo e não um ser isolado, é da cidade, o cara faz o que repercute pro outro com certeza, então não pode pisar no outro para subir, não pode agir de modo que vá prejudicar, desde a forma que o cara dirige, o cara disputa uma onda, tudo tem que ter um respeito mútuo, não dá pra chegar aqui como aconteceu recentemente, o que cara chegou aqui para aproveitar a sombra da árvore sentar e almoçar, aí deixa a quentinha sujando a porta da casa dos outros. O cara tem que ter o senso também de educação, de amor ao próximo. Quase que um exemplo maior, que é a nossa querida irmã Dulce, uma cidadã que foi até canonizada, isso é raridade. Então para incutir essa coisa de cidadania nas pessoas tem que passar a conservação das praias, da limpeza, o cara tá jogando lixo na cabeça dos outros.

Entrevistada(o) 3: - Tem muita coisa a ser alcançada, vejo que esse momento de pandemia parece que muitas coisas voltaram ao passado, então é um trabalho árduo de todo dia.

Entendem como fazer parte de uma rede que compartilha o território, experiências, ideias, objetos, sentimentos e sensações, e por causa disso, devem olhar de igual para igual com amor, respeitando os limites entre direitos e deveres. Deduzimos também que para uma das pessoas entrevistadas, a cidadania tem haver com se tornar uma pessoa *superdesenvolvida*. Uma resposta muito interessante aparece afirmando que a cidadania é algo que se constrói cotidianamente, corroborando com o conceito construído neste trabalho.

O que cidadania é para você?

Entrevistada(o) 1: - Pra mim é respeito ao proximo, dar valor ao que você tem e se puder retribuir para o próximo, isso é uma cidadania perfeita se você puder dividir, amor, equipamentos, bens. É legal você fazer as pessoas sentirem prazer também, às vezes a pessoa é muito egoísta para saber que tem aquilo e saber que outro tem vontade, se fizer isso vai explodir um sentimento muito bom naquela pessoa com algo que você tem em abundância. Se for uma primeira vez pra ela, só de remar numa prancha é fantástico, eu tiro isso das pessoas que dou aula, quando deita numa prancha ela diz, rapaz eu nunca imaginava que ia ser tão legal, então você se iguala com aquela energia que ela transmite e se sente bem também.

Entrevistada(o) 2: - Tem que ser uma forma de respeito, o que você não quer para você também não vai querer para os outros e o que você quer de bom pra você também, você pode compartilhar, pode olhar pro lado, pro seu vizinho, É que parece que no mundo é melhor não se mexer muito, no mundo de hoje o vizinho tá abrindo janela para a sua área, botam cano para jorrar água pra cima, aí é meu amigo, cada um por si e Deus por todos, aí você vai ver, o que é que funciona, que rege a cidade e os cidadãos, e ficar nessa, aí meu deus ai meu deus, eu prometo e a gente só ver o resultado pra quem tá ficando rico, e vida que segue, e o bagulho inchando, o mar cada vez mais sujo, as ondas estão até mais difíceis de dar como dava antigamente. Quando vier aí vai sair varrendo tudo, que nem essa chuvarada. O cidadão que é para preservar a natureza está só querendo destruir e ganhar dinheiro.

Entrevistada(o) 3: -

O que foi respondido nessa pergunta, geralmente fez referência ao respeito e como tem sido complicado conviver em sociedade, pelo fato das pessoas estarem cada vez mais egoístas, assim, foram tecidas críticas ao desejo excessivo pelo dinheiro, ao baixo interesse e preocupação com o outro e à falta de empatia. Uma consideração de efeito aparece com a declaração de que incluir outras pessoas no esporte para experimentarem as boas experiências proporcionadas pelo surfe é um aspecto da cidadania.

Qual é o papel da associação nesse sentido da cidadania?

Entrevistada(o) 1: - Nós temos que ter que associativismo é tudo que engloba todo mundo, se a gente tem o papel de mostrar para a sociedade que a gente organizado consegue fazer coisas não só para ela mas também para outras comunidades, que

pode servir de espelho e de multiplicador, a Surfssa vai ter um papel importante nisso, a gente fez algumas conferências através da liga baiana de surf, a gente fez várias conferências em vários municípios da Bahia, e a gente entendeu que existe uma carência em outros lugares que a gente tem aqui e está resolvendo, então a gente vai ser multiplicador, dentro da realidade de cada município, porque tem cidade que tem uma renda per capita maior, Salvador tem acessibilidade as coisas mais fáceis, cartórios, correios, câmaras dos vereadores e dos deputados, tudo é mais perto da gente aqui, já os pequenos municípios carecem disso e aqui podemos fazer essa ponte, intermediando isso e várias coisas que uma capital pode. Podemos fazer o papel de puxar quem está lá embaixo e puxar, ou podemos fazer um projeto piloto, por exemplo, nos bairros fizemos as escolinhas de surfe e dizer para os municípios fazerem também. Todo mundo olha para Salvador, mas o pão deve ser dividido, outros municípios também merecem.

Entrevistada(o) 2: - É mostrar com educação, a que ponto que a pessoa pode ser um indivíduo melhor, porque não um esportista, ainda mais num esporte que é junto com a natureza, quem sabe não desperta nas pessoas o cuidado maior com esse papel.

Entrevistada(o) 3: - O papel seria trabalhar essas áreas que eu comentei, e talvez identificar qual seria nesse momento que a gente está passando, que precisaria de maior importância e prioridade, pra poder tá contribuindo com a cidadania, fazendo exercer a cidadania.